

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

LORENZA DOS SANTOS

**LETRAMENTO FAMILIAR: REFLEXÕES ACERCA DO CONTEXTO DOMÉSTICO
ESCOLAR REMOTO**

São Leopoldo

2021

LORENZA DOS SANTOS

**LETRAMENTO FAMILIAR: REFLEXÕES ACERCA DO CONTEXTO DOMÉSTICO
ESCOLAR REMOTO**

Projeto de Pesquisa apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras- Português, pelo Curso de Letras da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Dorotea Frank
Kersch

São Leopoldo
2021

Dedico este trabalho a meu Pai, Luiz e a minha Mãe, Geni, que sempre me apoiaram e acreditaram no meu sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ser meu maior exemplo de amor e resiliência.

Aos meus amados pais, Geni e Luiz, que sempre acreditaram na educação e me incentivaram a ser melhor a cada dia, meus verdadeiros alicerces. Com amor, me mostraram os melhores caminhos e me ensinaram o mais importante: a fé. Com dedicação e zelo, estiveram ao meu lado em todos os momentos da graduação e sempre me encorajaram a buscar pelo meu sonho.

Ao meu querido irmão, Sandro, que sempre acreditou e me incentivou em todos os momentos. À minha cunhada, Marli, por ter me ajudado com a sua experiência docente, e ao meu amado sobrinho Pietro, que transformou as nossas vidas com a sua alegria.

À família Noro pela união e pelos ótimos exemplos que me guiam e me mostram para onde devo seguir, mantendo a honra e o respeito à nossa tradição, primos, tios e avós, vocês são o sinônimo da maior e mais pura simplicidade, que quero levar comigo para sempre.

À família Antunes, minha amada avó, Maria Eva com suas constantes orações. E meu avô, Alfredo, com seu olhar protetor, além do meu tio Vanderlei, ambos sempre cuidaram de mim da melhor forma e me ensinaram muitos valores. Saudades eternas.

À minha professora orientadora Dorotea Frank Kersch. A pessoa responsável por segurar a minha mão e caminhar junto comigo. Nunca esquecerei das nossas orientações e do empenho que colocaste em cada página do nosso trabalho. E claro, aos entrevistados pela disponibilidade e prestatividade.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação, principalmente à professora “Marga”, minha maior apoiadora no mundo das Letras.

Por fim, agradeço aos meus queridos amigos, colegas de aula e de trabalho, por sempre me ouvirem e transmitirem palavras de conforto quando precisei.

“Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos”

Saint-Exupéry

RESUMO

Estamos vivendo um momento de muitas mudanças, principalmente no campo da educação. Se antes os alunos estavam habituados com o sistema tradicional de aprendizagem, em 2020 a maioria precisou passar por uma readaptação pautada no sistema remoto digital, dentro de suas casas. Além do mais, os pais, os professores e a escola também precisaram reavaliar o ensino e readaptar as suas práticas. Ao mesmo tempo, é notório observar que o acesso às tecnologias vem evoluindo, porém esse desenvolvimento é preocupante quando nos deparamos com as crescentes desigualdades sociais, que ficaram ainda mais evidentes durante a pandemia. A precariedade e o acesso limitado de muitos, prejudicam o avanço da aprendizagem, e nesse processo, estão envolvidos importantes grupos, como por exemplo, a família. Neste trabalho temos o objetivo de mostrar como o ensino remoto mudou a rotina das famílias e trouxe novas perspectivas para a educação. Além disso, observamos de que forma as concepções da família-aluno-professor foram impactadas e quais foram as dificuldades e as descobertas diante dos desafios diários. A pesquisa é de cunho qualitativo-interpretativista e nosso corpus é composto por entrevistas a duas famílias que relatam sobre os eventos de letramento no período de ensino remoto emergencial. Analisa-se a trajetória de duas famílias de classe média baixa, com dois alunos do ensino público, uma aluna da cidade de Bento Gonçalves e outro aluno da cidade de São Leopoldo, ambos do estado do Rio Grande do Sul. Os dados mostram a importância do professor nesse processo e do engajamento das famílias na aprendizagem. Os resultados apontam que as famílias precisam seguir engajadas na aprendizagem dos filhos e na valorização dos professores, além do ensino presencial. Portanto, o impacto causado pelo ensino remoto mostra a importância da participação familiar, além disso, mostra as lacunas na aprendizagem e no acesso às tecnologias, que alertam para providências dos órgãos competentes.

Palavras-chave: Família. Ensino remoto. Professor. Aluno.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Síntese das respostas das entrevistas.....	62
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cinco tipos de envolvimento dos pais	20
Quadro 2 - Participantes da pesquisa	35

LISTA DE SIGLAS

SAE Digital Sistema de Ensino Digital

IBGE O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UNICEF Fundo das Nações Unidas para a Infância

TDIC Tecnologias de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.2 OBJETIVOS	12
1.2.1 Objetivo geral	12
1.2.2 Objetivos específicos	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 O QUE É LETRAMENTO	14
2.2 O LETRAMENTO FAMILIAR.....	18
2.3 ENSINO REMOTO EMERGENCIAL	27
3 METODOLOGIA	33
3.1 TIPO DE PESQUISA E PROCESSO DE GERALÇÃO DE DADOS.....	33
3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	34
3.3 METODOLOGIA DA ANÁLISE DE DADOS	36
3.4 PERGUNTA DE PESQUISA	36
3.5 OBJETIVOS	36
3.5.1 Objetivo geral	36
3.5.2 Objetivos específicos	37
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	38
4.1 PARTICIPAÇÃO E ENGAJAMENTO DAS FAMÍLIAS (COMO MEDIADORAS) .	38
4.2 VALORIZAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR	44
4.3 DIFICULDADES DO ENSINO REMOTO	46
4.4 EXPECTATIVAS DA FAMÍLIA COM O RETORNO PRESENCIAL.....	57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	68
APÊNCICE A – ENTREVISTA	70

1 INTRODUÇÃO

Escolas fechadas, alunos distantes das salas de aula, famílias preocupadas, professores tentando readaptar-se para prosseguir com o ensino das disciplinas e um futuro desafiador pela frente. Esse cenário vivido a partir de março de 2020 evidencia as diversas mudanças que tivemos desde que o coronavírus se instalou no mundo.

O site SAE Digital, aponta que a pandemia da COVID-19 já impactou os estudos de mais de 1,5 bilhão de estudantes em 188 países – o que representa cerca de 91% do total de estudantes no planeta. Outro dado importante levantado pelo IBGE revela que 4,3 milhões de estudantes entraram na pandemia sem acesso à internet. Segundo a Unicef, em 2019, havia quase 1,1 milhão de crianças e adolescentes em idade escolar obrigatória fora da escola no Brasil. A maioria de 4 e 5 anos e adolescentes de 15 a 17 anos. Em novembro de 2020, mais de 5 milhões de meninas e meninos de 6 a 17 anos não tinham acesso à educação no Brasil. Desses, mais de 40% eram crianças de 6 a 10 anos.

Com base nestas mudanças, a presente pesquisa parte da observação a respeito das transformações nas relações familiares relacionadas com a vida escolar dos alunos em tempos de pandemia, e conseqüentemente, ensino remoto. Reconhecemos que, ao longo da história da educação, muitas conquistas já foram alcançadas a respeito da participação da família neste processo. Contudo, ainda é possível visualizar várias deficiências que acompanham essa relação e que, muitas vezes, não recebem a devida importância e alcance significativo entre os envolvidos, como por exemplo: a desigualdade social. Ressaltamos que algumas dessas deficiências tornaram-se ainda mais visíveis e outras surgiram desde que o ensino remoto começou a ser desenvolvido como uma das principais formas de manter o ensino, isto é, desde o início do isolamento social, que para o Brasil começou em meados de março de 2020.

Em meio a esse panorama conturbado, refletimos sobre os inúmeros impactos no ensino, que deverão ser enfrentados. Com o presente trabalho focamos em como as famílias estão se envolvendo no processo de aprendizagem dos alunos. RIBEIRO (2020) retrata em seu livro “Tecnologias Digitais e Escola” como foi o movimento no início da pandemia, apontando seus sentimentos como mãe e como educadora. Além disso, discute também sobre como a pandemia realçou as fragilidades e a precariedade da rede pública de ensino, desde às creches até às universidades.

A partir de trabalhos como esses, surgem diversas inquietações perante este novo cenário, além disso, pensamos nas famílias e em suas dificuldades. Para isso, nos colocamos como agentes ativos e críticos diante das consequências deixadas pela pandemia no campo da educação. Pretendemos com este trabalho refletir e repensar de que forma as famílias acompanharam a aprendizagem dos alunos no ambiente doméstico remoto, e como o Ensino Remoto mudou a vida das famílias e deixou insuficiências no aprendizado dos alunos, que não possuíam o devido suporte para as aulas. Muitos estudos, como o da Ana Elisa Ribeiro (2020) e o da Márcia Mendonça (2021) têm focado no professor e nos seus desafios. Poucos, até onde pudemos verificar, realmente se preocuparam em como estão as famílias e as mudanças que ocorreram desde o início do ensino remoto. Por isso vamos ressaltar sobre como as famílias estão gerenciando essa mudança repentina e pensar se o esforço do professor está sendo reconhecido pelas famílias. Para isso foram entrevistadas duas famílias, e com base nisso, serão avaliados o envolvimento da família no processo de ensino e aprendizagem no período de ensino remoto emergencial, a valorização do professor por parte da família e as dificuldades encontradas pelos alunos em meio à aprendizagem remota, além das expectativas com o retorno do ensino presencial, através do desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa interpretativista.

Há poucos anos, os alunos perguntavam aos professores se o trabalho podia ser feito “a mão ou digitado”, e hoje, embora muitos avanços tenham acontecido, o digitado tornou-se mais comum, porém não é uma realidade próxima de todos. Nesse momento de pandemia, observamos que algumas famílias pediram ajuda e procuram fazer tudo o que podiam para que ninguém fosse prejudicado, entretanto, ter apenas um celular na casa, não ter um computador/notebook para o acesso às aulas, não ter espaço adequado na casa, foram fatores que atrasaram ainda mais a aprendizagem. Além disso, alguns até tinham os recursos necessários, mas não conseguiam ir além, tinham dificuldades na aprendizagem e precisavam de acompanhamento e, por conta disso, deixavam de fazer os trabalhos, por falta de compreensão, falta de interesse e falta de entendimento sobre o uso das ferramentas propostas. Lembro-me da minha época de aluna em que precisei escrever um livro com 12 capítulos manuscritos. Achei um máximo imprimir algumas fotos minhas e colar, porém, essa possibilidade incrível gerou bastante transtorno, pois precisei envolver várias pessoas nesse trabalho. Ao

pensarmos em como a pandemia acelerou ainda mais essas atividades online, refletimos no quanto a nossa sociedade está se transformando rapidamente, e como os agentes envolvidos no ensino devem ser valorizados pelo esforço nesta adaptação, além disso, precisamos pensar se estamos realmente prontos para esta mudança.

Pensar sobre os envolvidos nas escolas e nas famílias, bem como sobre as rápidas mudanças que ocorreram na educação fomentou esta pesquisa e tantas outras que estão sendo desenvolvidas. Abordaremos questões como: estrutura doméstica para a realização das aulas, organização do ambiente, acessibilidade aos recursos necessários, envolvimento dos pais no processo de aprendizagem, valorização dos professores por parte da família e gerenciamento da comunicação entre a escola com a família. Por se tratar de um tema extremamente novo e importante, viabilizou-se a elaboração de um projeto de pesquisa centrado no tema Letramento Familiar, envolvendo o contexto remoto. Esse tema é de suma relevância, além de ser emergente, principalmente ao pensarmos na importância da participação da família dentro do processo de aprendizagem dos alunos, que, com a pandemia, passou a ser ainda mais necessária e enfrentou grandes readaptações. As escolas, as famílias e os alunos, ou seja, toda a comunidade escolar passou por transformações rápidas e temos uma grande certeza: nada será como antes. “Docência pandêmica. Nada é novo, mas tudo mudou (NÓVOA; ALVIM, 2020)”. E agora mais importante do que acompanhar as lições de casa, é hora de adaptação e acolhimento dessas mudanças.

Assim sendo, destacaremos abaixo qual é a nossa pergunta de pesquisa e quais são os objetivos- geral e específicos que buscamos atingir:

Pergunta da pesquisa:

De que forma as famílias acompanharam a aprendizagem dos alunos no ambiente doméstico remoto?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Observar como foi o envolvimento e a organização da família durante o ensino remoto.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) discutir o conceito de letramento no geral, e de letramento familiar;
- b) observar como acontece a organização familiar no ensino remoto e como será a tendência do ensino presencial;
- c) analisar como ocorre o acompanhamento da família com relação à aprendizagem dos alunos e como se desenvolve o engajamento da família na participação das aulas e das demandas assíncronas;
- d) relacionar as percepções resultantes do questionário com os materiais teóricos, a fim de compreender de que forma a família influencia no processo de aprendizagem em tempos de pandemia;
- e) observar o contexto remoto emergencial, com foco na participação da família, no uso das tecnologias e nas dificuldades que encontraram;
- f) analisar as mudanças de perspectivas centralizadas no papel e na valorização do professor.

O presente trabalho encontra-se dividido em cinco partes. No primeiro capítulo, está a introdução, em que contextualizamos o tema e a justificativa da escolha, bem como apresentamos a pergunta e os objetivos de pesquisa. No segundo capítulo, da fundamentação teórica, abordamos algumas das definições sobre Letramento, Letramento Familiar e de que forma a família conduzia a aprendizagem dos alunos, focado no ambiente remoto e da valorização dos professores durante o ensino remoto; abordaremos ainda neste capítulo uma reflexão sobre o Ensino Remoto Emergencial, e posteriormente discorreremos sobre os letramentos que foram desenvolvidos durante a pandemia e como os alunos administravam a realização das atividades, que ocorria através dos estímulos dos pais. No capítulo seguinte, apresentamos a metodologia usada para o desenvolvimento do trabalho e para a geração de dados. Na sequência, capítulo quatro, apresentamos a análise e a discussão dos dados obtidos dialogando com as teorias apresentadas. Por fim, no capítulo 5, apresentamos as considerações finais e de que forma o estudo impacta a realidade das famílias.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, discutimos sobre algumas conceituações importantes para pesquisa, tais como Letramento; Letramento Familiar e Ensino Remoto Emergencial. Esses conceitos nos ajudarão a compreender a influência da tecnologia na vida familiar, de que forma a família participa e acompanha o ensino remoto, em que os pais tornaram-se os mediadores na aprendizagem.

2.1 O QUE É LETRAMENTO

Estamos cada vez mais expostos às mais diversas situações comunicativas, devido à sociedade complexa na qual estamos vivendo. Além disso, praticamos atividades de leitura e escrita em diversos contextos e espaços de circulação. Mandar whatsapp, falar com um amigo por e-mail, ir ao banco resolver pendências são alguns dos exemplos de práticas cotidianas que exigem dos indivíduos a leitura, a escrita e a compreensão do que se lê e se escreve e, claro, muitas dessas ações acontecem por meio de tecnologias digitais, que estão sendo imprescindíveis na contemporaneidade. Esses usos sociais da leitura e da escrita são chamados de práticas de letramento, que são, segundo Kleiman (1995, p. 19 apud CORREIA, 2016, p.261) “[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Sendo assim, o letramento refere-se a toda atividade de leitura e escrita como prática social, e portanto, dentro e fora da escola. Segundo Kleiman (1995, p.19), “[...] o letramento [pode ser definido] como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos [...]”.

Rojo (2009) entende que o fenômeno do letramento diz respeito às práticas sociais da escrita, em contextos valorizados ou não-valorizados, isto é, nas mais variadas esferas, tais como família, escola, mídias, igrejas, visto que as práticas de letramento são situadas socioculturalmente, ou seja, são efetivadas dentro da sociedade, de forma multifacetada. Conforme citado anteriormente, o letramento se apresenta em atividades em que a escrita exerce um papel, na interação dos indivíduos com textos escritos. São, dessa forma, episódios que aparecem em

diferentes práticas sociais, e por isso, o conceito de letramento passa a ser entendido no plural, isto é, de forma mais abrangente. Kleiman (2005, p. 33) sustenta que

[...] podemos dizer que, em função da tendência à contextualização das atividades, estratégias, saberes, segundo a situação específica, num tempo e espaço concretos, os modos de ler e de escrever variam segundo diferentes instituições. Isso significa que, mesmo dominando a escrita, podemos deparar com situações em que somos incapazes de produzir um texto. (KLEIMAN 2005, p. 33).

Nesse sentido, entendemos que o uso da leitura e da escrita possui finalidade social, uma vez que o indivíduo faz uso de competências para exercer a sua cidadania e para agir no mundo e se inserir nele por meio da linguagem. Por isso, ressalta-se que não basta ser apenas alfabetizado e saber decodificar o código alfabético, é preciso, pois, muito mais do que isso. E por isso, o conceito de letramento precisou passar por uma ressignificação, afinal, a sociedade também passou e está passando por inúmeras transformações. E quando falamos dessas mudanças, refletimos sobre as práticas de letramento, considerando que as relações com elas já não são mais as mesmas. As práticas de letramento são assim designadas, na visão de Kleiman (2005), *práticas situadas*, ou seja, a leitura e a escrita acontecem de acordo com o contexto situacional, e os indivíduos que as utilizam reconhecem a sua função de acordo com os seus conhecimentos de mundo, seus saberes e suas experiências. Portanto, mudando os objetivos e o contexto, mudam também as estratégias de leitura e de escrita mobilizadas. (KLEIMAN, 2005)

Ainda sobre *prática situada*, Kleiman (2005), aponta que “[...] refere-se ao entrosamento ou à sobreposição parcial existente entre a prática social e a situação; podemos atribuir isso a uma capacidade básica do ser humano de contextualizar os saberes e a experiência.” (KLEIMAN, 2005, p. 25).

Após a contextualização acerca do que é letramento, compete dar destaque, também, a outro conceito presente nessa base teórica. Os denominados *eventos de letramento*, que são de suma importância dentro da sociedade em que vivemos. São todos os momentos que giram em torno de um texto escrito. Primeiramente, porque se trata de um trabalho colaborativo, e também, porque inclui atividades que têm as características de outras atividades da vida social. Toma-se, portanto, o letramento com sentido e usos mais amplos, além da alfabetização, que é um conceito mais tradicional. As práticas de letramentos, são plurais, isso porque nossas práticas

sociais são plurais e complexas. Em nenhum momento, fomos letrados para uma única atividade, mas sim, para diversas e múltiplas práticas. No ambiente escolar e no ambiente familiar, desenvolvemos várias práticas com diferentes pessoas. No trabalho também ocorrem diferentes usos de letramentos. Ou seja, em cada prática situada somos expostos a diferentes letramentos e levados a agir de acordo com o contexto no qual estamos inseridos, de modo que desenvolvemos habilidades e competências próprias. Portanto, nos ressignificamos e nos inserimos em diferentes meios existentes, e cada um exigirá novas práticas e novos letramentos. Sendo assim, o desenvolvimento dos letramentos mostra-se como um processo constante e inacabável. E, como podemos ver, apenas ler e escrever atualmente não é mais suficiente para interagir na sociedade, principalmente após a pandemia. Para interagir, é preciso se reinventar sempre, buscar conhecimento, buscar informações, pesquisar, saber ler e interpretar gêneros digitais diversos, como os memes, por exemplo, conhecer e saber participar das redes sociais, utilizar as ferramentas multimodais e saber distinguir o que é válido ou não, bem como o que é fake ou não, entre tantas outras habilidades e exigências sociais. Para isso, é necessário aprimorar os letramentos, conforme, Kersch e Lesley (2019) argumentam

Ler e escrever efetivamente na sociedade contemporânea requer (novos) letramentos que incluem práticas como procura, navegação, análise, comunicação, avaliação, pesquisa, comparação, acesso a informação, separação, revisão, colaboração, criação, busca, engajamento, interação, remixagem e tantas outras, que são necessárias para participar ativamente neste mundo em transformação. (KERSCH; LESLEY, 2019).

Cabe ressaltar novamente nesta seção a importância do letramento e as suas transformações, bem como adaptações necessárias durante a pandemia. Os desafios diários afastaram os alunos das salas de aula e colocaram os pais como os responsáveis mais ativos no processo de aprendizagem. Desta vez, não bastava ler e escrever, conforme o letramento tradicional utilizado até então, era necessário, também, ajudar na resolução das atividades, participar da rotina de estudos e fazer pesquisas acerca dos conteúdos, ou seja, colocar-se à disposição de novos letramentos dentro do ambiente doméstico. Além disso, muitas escolas precisaram contar com a família para que fosse possível dar continuidade de alguma forma, dentro das possibilidades e de acordo com os recursos disponíveis, sendo assim, as famílias que conseguiram, precisaram colaborar e desenvolver outros letramentos durante

esse período, tais como Letramento literário, letramento linguístico, letramento digital, entre outros que foram mobilizados durante a pandemia. Nesse sentido, Kleiman (2005) reforça que

[...] O letramento abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente ilimitadas de papel, o surgimento da Internet. (KLEIMAN, 2005, p. 22).

Inicialmente, a pandemia provocou um susto e um grande desconforto geral porque as rotinas precisaram ser adaptadas. As redes escolares, as famílias, os alunos e os professores não estavam preparados para o trabalho remoto. A insegurança e as particularidades dessa situação trouxeram inúmeros desafios, e as prioridades precisaram ser discutidas e revistas. Dessa forma, a situação histórica e social causada pela Covid 19 afetou a sociedade e causou mudanças significativas, pois novas demandas surgiram, e, com elas, novas multiplicidades em diferentes esferas, em diferentes meios/contextos de produção e execução, fato que conseqüentemente provocou lacunas na vida de muitos indivíduos, principalmente dos estudantes e suas famílias.

À vista da função social que os diferentes letramentos possuem e entendendo que todo e qualquer indivíduo possui o direito e o dever de cumprir com o seu papel de cidadão, é que ressaltamos e defendemos a flexibilidade para com a cultura do outro, de modo que também haja uma abertura ao novo. “Ser contemporâneo é ouvir o que o outro quer e aproveitar a flexibilidade de novos modos de ser e significar”. (KLEIMAN 2014, p. 82-83)

Sendo assim, pensar sobre a importância do letramento envolvendo a leitura e a escrita é necessário, mas agora, mais do que isso, é preciso desenvolver outros letramentos para acompanhar a aprendizagem, e quando falamos nesse sentido, incluímos todos os envolvidos no processo que precisaram letrar-se constantemente, e ressaltamos, também, a necessidade de eles estarem abertos e dispostos ao novo, conforme descrito acima. Além disso, ressaltamos a emergência de políticas públicas que apoiem e incentivem a educação, de modo que todos possam ter acesso às tecnologias e aos letramentos plurais, que podem auxiliar no desenvolvimento de novas competências para a vida desses cidadãos.

Muito se fala sobre como será o retorno ao presencial de forma integral como antes. Inúmeras hipóteses são levantadas, tais como alguns afirmando que as práticas tradicionais permanecerão, outros que a tecnologia continuará sendo utilizada em sala de aula com os alunos, outros que as mudanças precisarão ocorrer para que o progresso na educação aconteça de fato. Porém um fato é óbvio, a educação precisará de ajustes e de apoio para que siga desenvolvendo múltiplos e necessários letramentos, que servirão de base para a formação de indivíduos competentes comunicativa e socialmente, e a pandemia nos mostrou claramente essa urgente demanda.

Após contextualização sobre o significado de letramento e sua importância, bem como suas transformações, compete aprofundar essa noção para a sua adaptação no âmbito familiar. Isto é, para além do letramento no singular e cabe observar de que forma as suas práticas se estendem no sentido plural, neste caso, com o foco nas famílias. Por isso, falaremos na próxima seção sobre o Letramento Familiar e de que forma ele é construído pelos envolvidos. Importante destacar que a família é a base para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, por esse motivo, torna-se necessário compreender, além da sua função, as suas transformações em tempos remotos.

2.2 O LETRAMENTO FAMILIAR

O âmbito familiar vem passando por intensas e rápidas transformações ao longo dos tempos, e essas constantes afetam e muito o ambiente doméstico, bem como a sua estrutura. Fala-se, inclusive, que a mais importante instituição da sociedade é a família, devendo, esta, ser considerada como a estrutura da sociedade e a preparação para futuras gerações.

O fato é que um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo é o familiar, é a família que atua como mediadora dos padrões, costumes morais, modelos e influências culturais. A palavra “família” deriva do latim *famulus*, que possui o significado de servo ou escravo.

De acordo com a Constituição Federal de 1988,

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988, Art. 227).

Desde o início da pandemia, houve uma reconfiguração em diversos âmbitos, inclusive na relação família e escola. Virou dever dos pais tornarem-se mediadores no aprendizado e, além disso, intervir e acompanhar a rotina dos filhos diariamente, sendo essa a nova realidade nos ambientes domésticos. Por consequência dessa reconfiguração, muitas certezas deixaram de existir, e a escola precisou pedir ainda mais pela participação dos pais. Coscareli (2020) postula sobre a dificuldade de os pais estarem trabalhando remotamente, os filhos estudando remotamente, e ainda, além disso, ter de cuidar da roupa, da limpeza, da comida e dos cuidados que a pandemia exigiu dentro do ambiente doméstico.

A relação entre escola e família é de suma importância para o desenvolvimento dos filhos, pois contribui para potencializar o aprendizado em sala de aula. Bastiani (1993) ressalta que “o envolvimento dos pais com a escola passou a ser considerado nos últimos anos como uma preocupação necessária e legítima e não pode ser mais uma opção extra”. No cenário atual, o ambiente escolar já não pode mais ser pensado de forma unilateral, assim como a participação da família não pode se restringir apenas em casa. Ambos precisaram firmar uma parceria, e isso tornou-se imprescindível para o desenvolvimento das crianças no processo de ensino aprendizagem. Um dos benefícios observados desta relação é a de que a participação dos pais dá mais segurança aos filhos contribuindo, assim, para um ambiente de aprendizado. Porém, sabemos que nem todos os alunos desfrutam desse envolvimento com os seus pais, principalmente em um momento de incertezas, perdas, desigualdades e muitos conflitos familiares. A rede de apoio da família se estabelece através de interações entre os seus membros. Entretanto, contatos negativos, conflitos e insatisfações podem gerar problemas nas crianças e atrapalhar significativamente o seu aprendizado.

No quadro abaixo, mostramos os cinco tipos de envolvimento dos pais e os graus de participação na vida escolar dos filhos, elaborada por Brandt (1989) e ainda perfeitamente válidos hoje, em tempos pandêmicos:

Quadro 1 – Cinco tipos de envolvimento dos pais

CINCO TIPOS DE ENVOLVIMENTO DE PAIS
<p>Tipo nº 1 – <i>As obrigações básicas dos pais</i> se referem às responsabilidades da família pela saúde, segurança e bem-estar da criança; à atenção às necessidades das crianças no seu processo de desenvolvimento e para o seu ingresso na escola; à criação de condições propícias para a aprendizagem escolar em casa; supervisão, disciplina e orientação.</p>
<p>Tipo nº 2 – <i>As obrigações básicas da escola</i> se referem às responsabilidades da escola em enviar informações para os pais (ou responsável) sobre as regras e normas da escola, o seu funcionamento, os programas e métodos de ensino, o progresso das crianças e outras informações que sejam relevantes. As informações, mensagens, convites, boletins, e regras variam de escola para escola e em forma e frequência.</p>
<p>Tipo nº 3 – <i>Envolvimento dos pais na escola</i> se refere ao voluntarismo dos pais em ajudar os professores, orientadores e supervisores pedagógicos como também os administradores da escola, quer seja na escola em geral, quer seja na sala de aula, reuniões, eventos sociais, excursões ou outros como matérias extra-curriculares (arte e música) etc.</p>
<p>Tipo nº 4 – <i>Envolvimento dos pais em atividades feitas em casa que auxiliam a aprendizagem e rendimento escolar</i> se refere à ajuda que os pais dão às crianças em casa, seja ela iniciativa dos pais ou dos professores (ou até mesmo das crianças) em atividades relacionadas com as atividades escolares, como deveres de casa, pesquisa, visitas a lugares culturais, etc.</p>
<p>Tipo nº 5 – <i>Envolvimento dos pais no governo da escola</i> refere-se à inclusão dos pais no que diz respeito à tomada de decisões em geral, Associação de Pais, Colegiado, Conselho Administrativo; e ainda na intervenção junto às Secretarias e Ministérios. Este tipo também inclui movimentos da comunidade que afetam o trabalho da escola e das crianças.</p>

Fonte: Brandt, 1989, p. 25.

Notamos, ao interpretarmos o quadro, que desde quando o autor o criou até o presente momento (2021), os envolvimento familiares podem ser diversos, e um complementa o outro, mas no ambiente remoto o tipo nº 4: *Envolvimento dos pais em atividades feitas em casa que auxiliam a aprendizagem e rendimento escolar*, era provavelmente o mais frequente. Além disso, notamos que estes passaram por algumas mudanças, mas agora, desde o início da pandemia, eles transformaram-se ainda mais, e tornaram-se mais necessários. Afinal, a organização e o gerenciamento do tempo para a realização das tarefas e para o acompanhamento das aulas, em tempos remotos, estava sendo responsabilidade da família, que também estava assustada e frustrada com tudo o que estava acontecendo, e com todas mudanças repentinas causadas pelo surgimento do Covid 19, conforme citado anteriormente. As escolas estavam tentando intervir e auxiliar, de modo que todos tivessem acesso às atividades e aos conteúdos, porém nem todos estavam conseguindo acompanhar de fato.

Marcia Mendonça (2021) destaca que

Assim sendo, em algumas escolas, a adoção de plataformas digitais permitiu dar continuidade, ao menos em parte, às estratégias pedagógicas predeterminadas e às atividades previstas em currículo. Contudo, em outros contextos educacionais – sobretudo naqueles carentes de acesso aos recursos tecnológicos e/ou à internet – a improvisação passou a ser parte ainda mais evidente do cotidiano da comunidade escolar. Nesse sentido, ao passo que uma parcela de professores e alunos pôde ver testadas, ainda que de maneira amarga, algumas formas de “inovação tecnológica” (que custaram árduo trabalho docente e, por isso, não devem ser romantizadas), outros se perceberam à margem do que representaria, de fato, uma escola que prepara cidadãos para atuar ativamente nas mais diversas esferas sociais – inclusive na digital. (MENDONÇA, 2021, p. 172).

Rojo (2009, p. 23) ressalta que, infelizmente, “temos pelo menos metade da população ainda muito longe da realidade de uma escolaridade de longa duração, que possa ser tomada como uma experiência significativa e rica, ao invés de um percurso de fracasso e exclusão”.

No texto *Parenting and Schooling in a Pandemic (2021)* de Jacqueline Getfield, a autora destaca a função da família, as suas transformações desde o início da pandemia até o presente momento, e fala do seu efeito real nas vidas das pessoas. [...] ambos casa e escola foram empurradas para o novo ambiente de ensino-aprendizagem “assíncrono”. (GETFIELD, 2021, p. 1). A autora abordou a preocupação das famílias negras, do Canadá, com a educação dos seus filhos, e mostrou que deve haver uma mudança real no ensino. Ao refletirmos sobre isso, mesmo sendo em um país distante, observamos a mesma preocupação e as mesmas pautas no Brasil. A desigualdade foi acentuada devido à pandemia, além disso, houve uma grande evasão, atrasos na educação das crianças e jovens e insuficiência de conteúdos. Nas escolas públicas, a situação foi ainda mais delicada, pelo fato de muitas famílias não terem o acesso adequado aos aparelhos tecnológicos necessários, como também acesso à internet de qualidade, além de ambiente favorável para a realização das atividades e para o devido acompanhamento das aulas. Conforme Márcia Mendonça (2021),

[...] Famílias com maior poder aquisitivo, com aparelhos eletrônicos adequados e conexão wifi de qualidade, além de espaço adequado para ter aulas, puderam ver seus filhos, de alguma forma, sendo ensinados e continuando a vida (mesmo com câmeras fechadas). Mas essa não é a realidade do brasileiro 'comum'. Ainda que os aparelhos eletrônicos tenham hoje um preço acessível a uma parte da população, outra parte ainda precisa decidir entre pagar luz, água e comida, e comprar roupas e material escolar para os filhos. Se não houver políticas públicas de inclusão e acesso de TODOS à educação, estaremos condenando grande parte dos brasileiros e brasileiras à exclusão e à miséria. (MENDONÇA, 2021, p.24).

Dessa forma, compreendemos que questões como frustração e medo foram sentimentos presentes, principalmente no primeiro ano da pandemia, 2020. Além disso, é importante salientar que não há como existir educação sem equilíbrio familiar, ou seja, as questões emocionais precisam estar harmonia. Porém, em um momento delicado como a pandemia, com mortes de entes queridos, ou com diversas outras situações que estavam acontecendo dentro de casa, tornou-se praticamente impossível separar o ambiente remoto escolar da vida doméstica e da rotina já empregada na casa, afinal, o ambiente doméstico, por mais organizado e adequado, está distante de ser um ambiente educativo do tipo escolar, e isso interfere diretamente na aprendizagem. Sendo assim, houve uma reconfiguração na estrutura familiar, pais viraram mediadores da aprendizagem e novas formas de acolher e adaptar precisaram ser adotadas em muitas famílias. Entretanto, ressaltamos, que nem todos tiveram essa possibilidade e acabaram ficando em prejuízo, conforme citado anteriormente.

Sabe-se que a formação dos alunos não é concretizada unicamente pela escola, ela depende também da formação e participação familiar. Os pais ou responsáveis que trabalhavam fora precisaram se readaptar. Além disso, enfrentaram preocupações sobre com quem deixar seus filhos e como os ajudariam num momento delicado como foi desde o início da pandemia. A falta de clareza nas funções que escola e família devem desempenhar na educação gera muitas dúvidas, pois muitas famílias apenas transferem a responsabilidade de transmitir valores morais, princípios éticos, e de comportamento a seus filhos para a escola. Apesar dos estudos apresentarem os benefícios da parceria entre escola e família existem, ainda, muitos entraves na relação entre os lados, entretanto é responsabilidade dos pais incentivar e acompanhar as atividades escolares de seus filhos. Quanto antes forem formados bons hábitos de estudo nos alunos, menores serão os problemas enfrentados com aprendizagem. Além disso, Ana Elisa Ribeiro (2020) sustenta que muitos alunos não

possuem amparo dos pais e nem estrutura digital, e que isso implica os resultados da educação. Atrelado a esses dois dizeres e às mudanças em tempos remotos na educação, Ribeiro (2020) aborda uma questão bem importante, que também apareceu nas pautas,

O uso das tecnologias digitais e a conexão à internet, quando bem sucedidos, suscitaram outros dilemas não menos complexos. Professores, estudantes e seus familiares passaram a se submeter de forma mais intensa às práticas de vigilância eletrônica e de privacidade e segurança limitadas nas redes ao realizarem atividades de aprendizagem escolar em plataformas comerciais, utilizando software proprietário. (RIBEIRO, 2020, p. 35).

O excerto acima mostra como os alunos e professores poderiam ser alvos das *fake news* ou do uso de plataformas que poderiam causar vírus e atrapalhar a sua privacidade, por falta de conhecimento, em função do pouco tempo que tiveram para aprender a manusear estas novas tecnologias. Os alunos também tiveram que passar por readaptações e, para isso, precisaram de um acompanhamento ainda maior, pois essas mudanças no estudo remoto também originaram uma certa “liberdade”, que exigiria dos alunos disciplina. Entretanto, não foi isso que aconteceu de fato. A maioria dos alunos estava cansada e frustrada, preferindo, muitas vezes, assistir a séries, ou fazer outras tantas atividades, exceto estudar, principalmente pelo fato de estarem em casa, portanto tinham mais oportunidades para fazer o que queriam. Faziam pesquisas apenas copiando e colando, e estavam cada dia mais cansados. Na perspectiva de Ribeiro (2021), os professores e os alunos estavam ansiosos, alguns até ouviam, mas outros estavam concentrados em seus games, ou acessando outras ferramentas, ou até mesmo dormindo, vendo TV e, dependendo da situação, estavam trabalhando e ajudando em casa.

Ressaltamos, porém, que nem todos os alunos seguiram nessa linha de liberdade total, e, em alguns casos, os pais que tinham oportunidade estavam acompanhando e cobrando diariamente, embora nem todos tivessem conhecimento dos conteúdos que estavam sendo estudados. Tendo em vista esse contexto de readaptação, é necessário pensar também nos pais que trabalhavam em home-office e também se questionavam sobre como dividir tarefas profissionais com familiares se os dois espaços - familiar e escolar - se confundiam. Por isso, grande parte dos pais afirmam que os conflitos familiares aumentaram nesse período. Pais despreparados, acessos limitados, professores sem treinamento e uma grande parte dos alunos sem

desenvolver aprendizagem, fato que aumentou consideravelmente o índice de evasão - essa é a realidade do ensino remoto emergencial no Brasil. Conforme Ana Elisa Ribeiro aponta (2020)

[...] Em muitas famílias, apenas um computador (de mesa ou portátil) ou um celular precisam ser compartilhados por vários usuários ao mesmo tempo. Então, a escolha pelas ferramentas e pelo uso de determinadas plataformas e mídias digitais ou analógicas tornou-se central para os profissionais da educação. Além disso, as atividades propostas, o planejamento pedagógico e o processo de avaliação precisam ser alterados, no intuito de atender ao contexto histórico da pandemia. (RIBEIRO, 2020, p. 24).

Ao mesmo tempo em que as escolas particulares estavam fazendo propagandas gigantescas munidas de equipamentos, e com famílias que proporcionavam recursos necessários, havia um outro agravante, a falta de tempo, e neste caso, também os desentendimentos se acirraram, entre outros problemas que surgiram. Entretanto, as escolas públicas sofreram ainda mais com o Ensino Remoto, e não faziam grandes propagandas, ao contrário, estavam tendo muitas dificuldades e algumas demoraram um tempo considerável até voltar. Ana Elisa Ribeiro (2020) aponta que a internet não era a única prioridade, pois faltava muito mais, e infelizmente, a situação era grave e precisava de ações urgentes. E tudo isso, por consequência, gerou um clima de medo e tensão, além das dificuldades emocionais que apareceram. Sendo assim, ter recursos para as aulas remotas não era suficiente, pois se exigia das famílias a participação e o acompanhamento.

Ao retomarmos a questão das tecnologias e dos acessos, entendemos, portanto, que, mesmo com tantas dificuldades, a aprendizagem e o ensino deveriam continuar a acontecer. Além disso, a educação estava precisando passar por ajustes para incluir cada vez mais a tecnologia em seu meio, porém com a chegada da pandemia, esse processo passou a ser acelerado demais.

O desafio é tornar o espaço disponível para que diferentes mundos da vida – espaços para a vida em comunidade, nos quais significados locais e específicos podem ser desenvolvidos – possam florescer. Os novos canais multimídia e hipermídia podem promover, e às vezes promovem, membros de subculturas com a oportunidade de encontrar suas próprias vozes. Essas tecnologias têm o potencial de possibilitar maior autonomia a diferentes mundos da vida, como, por exemplo, a televisão multilíngue ou a criação de comunidades virtuais, por meio do acesso à internet. (GRUPO NOVA LONDRES, p. 115).

Entretanto, temos que olhar, também, para aqueles que não conseguiram acompanhar as aulas remotas, para aqueles que não sabiam manusear ferramentas tecnológicas e para aqueles que não conseguiram aprender os conteúdos. É hora de olharmos criticamente a situação e as consequências deixadas pela pandemia, de maneira clara e concreta, pois, conforme Getfield (2021) destaca que

[...] precisamos de uma política que garanta responsabilidade, e que vincule a responsabilidade a padrões de prática dos professores ... Nossos sindicatos também devem estar envolvidos aqui. Mudança real, que realmente precisa acontecer em nível provincial. Os conselhos escolares precisam investir na criação de uma política rigorosa. (GETFIELD, 2021, p. 3).

A autora apresenta também as percepções das famílias quanto à segurança de terem os filhos em casa, seguros e aprendendo. Ou seja, alguns pais conseguiram se conectar e ajudar os alunos, além disso, desenvolveram a consciência crítica sobre o que os filhos estavam aprendendo, em um espaço de carinho. E também, alguns pais da pesquisa de Getfield até consideram a Covid como uma “coisa boa”. Algumas famílias levantaram barreiras de proteção para proteger os filhos do vírus, e isso também acarretará transformações nos comportamentos sociais, e talvez surgirão outros problemas comportamentais e no aprendizado destes alunos. O jornal El País¹ retrata sobre o retorno à “vida normal” e como muitas pessoas terão dificuldades de socializar. Quando refletimos sobre uma notícia dessas, nos deparamos com vários questionamentos e um deles é: Qual é o verdadeiro papel da família no contexto escolar dos alunos?

Essa pergunta também abre margem para definirmos o significado de letramento familiar. Esse conceito nos remete a descrever intervenções relacionadas ao desenvolvimento do letramento fora do ambiente escolar, mais especificamente aquele realizado no ambiente familiar. O letramento familiar pode compreender também

1. um conjunto de programas destinados a melhorar as habilidades de mais de um membro da família;
2. a aproximação entre escola e família, tendo em vista o desenvolvimento do aluno. (Britto & Brooks-Gunn, 2001; Handel, 1999; Wasik et al., 2000 apud Caspe, 2003, p.1).

¹Disponível em <https://brasil.elpais.com/>. Acesso em 10 set 2021.

Tendo em vista que os significados do letramento variam de acordo com os ambientes de maneira a atender específicas necessidades da interação social, que permitem entendê-los em uma dimensão plural, o letramento familiar pode ser conceituado, então, como aquelas práticas sociais de leitura e escrita que terão participação da família, colaborando com o aprendizado dos alunos, isto é, eles se envolvem no processo. Além disso, os pais se organizam, têm uma rotina a ser seguida. Porém muitas estruturas familiares foram abaladas. Conforme Ana Elisa Ribeiro (2020) salienta,

As fragilidades que permeiam as vidas de milhões de famílias brasileiras se acentuaram com a pandemia e evidenciaram como as desigualdades sociais que perduram no país repercutem também no precário acesso às tecnologias digitais. (RIBEIRO, 2020, p. 35).

É preciso, pois, observar o contexto geral, ou seja, aluno, família, professor e escola. Tudo o que até então era óbvio, concreto e tradicional, tornou-se motivo de discussão, reavaliação e ressignificação. A educação se transformou e os pais, preocupados com toda essa mudança repentina, precisaram entender o quão importante é a sua presença junto ao meio escolar, no qual o filho está inserido. De acordo com Ana Elisa Ribeiro [...] os(as) pais/mães só não xingam tanto porque não se dão ao trabalho de ver, como estão vendo agora dentro de casa, o que os(as) filhos(as) andam fazendo. (RIBEIRO, 2020, p. 114). Dessa forma, além de entendermos a caracterização de Letramento Familiar, precisamos discutir a participação da família, principalmente num momento pandêmico, além disso, precisamos acolher aqueles que não possuem estrutura e repensar maneiras de promover a equidade, principalmente quando falamos em educação.

Em suma, observamos a importância da participação da família antes, durante e depois do ensino remoto, além disso, notamos a dificuldade, tanto das escolas privadas quanto das públicas, em envolver a família. Na realidade, em poucos casos, os pais estimulavam constantemente os filhos e procuravam observar de perto o que estava acontecendo. A maioria dos pais evitavam o acompanhamento diário, por pensarem que os filhos poderiam desenvolver autonomia e já eram “grandes” o suficiente para fazerem as tarefas escolares, ou então não tinham tempo e recursos para acompanhá-los. Nesse sentido, observa-se que nenhum aprendizado se constrói sem estímulos, pois o aprender é social e não isolado, sendo assim, depende de vários fatores para que de fato aconteça. Por esse motivo, na próxima seção será

abordado o ensino remoto emergencial e de que forma ele foi desenvolvido para que a aprendizagem não parasse e como a comunicação da família com a escola e com os professores foi determinante neste processo.

2.3 ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

As práticas de leitura e escrita, como dissemos acima, não são tarefas exclusivas da escola, pois ocorrem em todos os movimentos da sociedade, inclusive dentro do ambiente doméstico, o qual tornou-se o novo ambiente escolar dos alunos durante a pandemia. O ensino passou por mudanças e todos os envolvidos precisaram readaptar-se à sua maneira. Mesmo que a escola seja a principal agência de letramento, houve uma reconfiguração de seus espaços e algumas práticas foram ressignificadas para que o ensino continuasse sendo desenvolvido. Naquele momento, o ensino remoto emergencial passou a ser adotado como uma forma de manter a aprendizagem.

Mendonça (2021) retrata a situação inicial do ensino remoto emergencial

Sem investimentos em práticas diferentes daquelas “presenciais”, improvisadamente e surpreendidos(as) pela pandemia, usamos o recurso tecnológico que sabíamos, meio vagamente, que tínhamos em 2020: o computador ligado à internet. Trata-se de uma possibilidade que já não se pode dizer nova e que já vinha sendo empregada para muitíssimos usos de comunicação à distância, não apenas com finalidade educacional, mas infinitas outras. E já que temos essa possibilidade, vamos a ela. (MENDONÇA, (2021, p. 33).

Já se sabia, e a pandemia mostrou isso com mais clareza, que podemos aprender em qualquer lugar, porém tivemos que desenvolver soluções perante as dificuldades e permitir que o ensino acontecesse, unindo esforços de todos os envolvidos. O fato é que nem todos estavam preparados para essa mudança, mas sabíamos que ela era necessária. O que estávamos evitando acabou tornando-se a única saída para não parar com os conteúdos, e foi nesse momento, através das aulas digitais/remotas, que percebemos a disparidade da desigualdade social, pois nem todos tinham as mesmas condições de acesso, e todos tinham direito à educação. Ana Elisa Ribeiro (2020) destaca que

As tecnologias digitais, que antes pareciam uma espécie de ficção científica e depois passaram a um tipo de luxo risível, se transformaram numa solução imediata e cabível, dando-nos menos vaga noção de como ela é precária,

falha, instável; do incômodo do despreparo e do imprevisto, uma provisoriedade grande demais, duradoura demais (mais de um ano... isso não se despreza); para enfim chegarmos aos sentidos da omissão, que não pode ser atribuída a professores e professoras individualmente, mas à falta de um investimento amplo, coletivo, público e comum (no sentido de comunitário, de todos). (RIBEIRO, 2020, p. 29).

De acordo com Ribeiro (2020), o novo modelo de educação, chamado de “ensino remoto ou aula remota” foi adotado em caráter emergencial, por meio de aulas ministradas por professores, que estavam utilizando os recursos tecnológicos:

De forma reativa, muitas escolas lançaram mão de plataformas digitais de aprendizagem, da noite para o dia. Houve uma escalada exponencial de prática de aulas remotas, mediadas pelas tecnologias digitais da informação e comunicação (tdics). (RIBEIRO, 2020, p. 45).

Diversas foram as ideias dos professores para seguir com as aulas: manter o material impresso, gravar vídeos e enviar ao único familiar que possuía acesso via whatsapp, utilizar o *Classroom*, fazer aulas no *Zoom*, entre tantas outras maneiras pensadas para não prejudicar os alunos. MENDONÇA (2021) aponta em seu livro que a pandemia colocou os professores de frente a vários e constantes desafios, e um deles é a ausência de uma formação continuada. Dessa forma, a maioria dos professores apenas repassou o conteúdo para o remoto emergencial da mesma maneira como fazia no espaço físico presencial, por intermédio de slides, por exemplo.

Infelizmente, as escolas (por várias razões) priorizaram uma pedagogia mais transmissiva, insistindo em transmitir saberes considerados imutáveis e essenciais. O(a) professor(a) continuava no centro e ainda como o grande “transmissor”. O contexto da pandemia revelou como as escolas estão distantes das pedagogias participativas em que o(a) professor(a) é o responsável por organizar eventos de aprendizagem significativa em interação com os(as) aprendentes e as comunidades. Essa pedagogia do vínculo envolveria pensar como as diferentes redes familiares, as diferentes pessoas da sociedade e a escola podem juntos(as) construir processos mais coletivos de aprendizagem. (BUNZEN, 2020, p. 23).

Entretanto, o presencial tornou-se a última alternativa para as aulas, foi necessário, então, atribuir ao ensino as interações online, através do uso de plataformas digitais e de ferramentas diferenciadas, isto é, sendo necessários outros letramentos e multiletramentos, os quais foram desenvolvidos e descobertos pelos professores, alunos e familiares diariamente. Mendonça (2021) salienta que

[...] Entre muitos pontos de atenção que o cenário pandêmico apontou para o ensino, podemos destacar o seguinte: acesso aos recursos tecnológicos, uso desses recursos (familiarização, domínio, etc.), aspectos socioculturais imbricados no uso desses recursos, natureza das interações, currículo implementado, elaboração e uso de materiais didáticos, gestão do tempo (qualidade e aproveitamento das horas em ensino e estudo remotos), especificidades do caráter público e do caráter privado das comunicações e registros (vídeos ao vivo, vídeos gravados, mensagens trocadas), organização da rotina pessoal e familiar na relação com atividades profissionais, tensões com gestão escolar, famílias e alunos, saúde física e mental. E tais pontos se desdobram em muitos outros quando sobre eles incidem a heterogeneidade subjetiva e sociodemográfica de qualquer sala de aula, assombrada pelas imensas desigualdades sociais que marcam o território e o povo brasileiros. (MENDONÇA, 2021, p. 46).

Após a contextualização acima, notamos os múltiplos esforços que os profissionais da educação, bem como as famílias precisaram fazer para dar conta da demanda que se impunha. Assim, sem muitas escolhas e sem o tempo adequado para adaptação, o ensino remoto tornou-se a realidade dos estudantes, tanto da rede pública quanto privada. Mendonça (2021) destaca que

O fato é que todos e todas nos vimos diante de uma situação desconhecida e desvelamos informações e situações que jaziam sob um véu espesso: nossa precariedade tecnológica é enorme, assim como nossas formações não nos prepararam para outro tipo de mediação que não a “presencial” no espaço tempo da escola. (MENDONÇA, 2021, p. 33).

Esses esforços dos professores foram fundamentais para mobilizar e tentar garantir ao máximo a aprendizagem dos alunos, porém, nem todos tiveram a capacitação necessária para enfrentar esse momento. Carla Viana Coscarelli (2020) aponta que

O ensino remoto precisou ser feito sem planejamento prévio, sem um ambiente virtual de aprendizagem escolhido com cautela, sem que os professores tivessem tempo de se preparar, de produzir e selecionar materiais e estratégias de ensino adequadas para atividades online. E sem que os(as) alunos(as) estivessem previamente de acordo com o desenvolvimento de atividades em outros ambientes que não fossem a escola e estivessem bem preparados para isso (o que não é trivial nem simples). Não se faz EaD de qualidade de uma hora para outra. Esses cursos precisam ser muito bem planejados e preparados com tempo, porque, há alguns bons anos, não nos falta tecnologia para ministrar cursos de alta qualidade nessa modalidade. Falta, no entanto, a capacitação. (COSCARELLI, 2020, p. 14).

Para Márcia Mendonça (2021), os professores, mesmo não estando preparados, tentaram estabelecer conexões com os alunos, fato que prejudicou até mesmo a privacidade desses profissionais e, além disso, seus horários não foram

mais respeitados, pois abriam mão dos seus turnos de trabalho definidos e estipulados, para atender os alunos, de modo que todos sentissem segurança e que amparo. Sabemos que é função do professor, juntamente com a escola, adequar o conteúdo que até então seria ministrado de maneira presencial, porém, houve uma reconfiguração, não só nas famílias e nos alunos, mas os professores adquiriram mais uma função, a de fazer chegar o conteúdo até o aluno, de tal forma que ele conseguisse continuar realizando suas atividades pedagógicas de casa. Os professores precisaram desenvolver novas competências e novas habilidades de mudança, além de aprimorarem o que já sabiam para a criação de conteúdo, além de utilizar seus equipamentos particulares como celular, computador dentre outros para os devidos fins educacionais.

Foram feitas lives, produzidos vídeos, impressos materiais e entregues em mãos das famílias, entre outras tantas mobilizações para atender às novas necessidades e manter a interação com os alunos. Os professores precisaram considerar as características e contextos de seus alunos, as disciplinas, e os recursos disponíveis em seu ambiente doméstico. Sendo assim, precisaram adaptar as suas aulas e (re) contextualizar as aprendizagens, diante deste novo cenário. As mudanças foram muitas, novos modos de pensar em questões de projetos, colaboração conjunta, trabalhos criativos, e muitas possibilidades tecnológicas que precisaram ser desbravadas, e tudo isso pensando no foco do ensino e da aprendizagem. Os professores foram, portanto, a base do trabalho, e muitos pais modificaram ainda mais a forma de como viam o trabalho desses profissionais, pois, para as famílias que acompanharam a aprendizagem dos seus filhos, houve, além das dificuldades e das descobertas diárias, uma valorização e ressignificação do trabalho do professor.

Antes, alguns pais acompanhavam o trabalho do professor, mas apenas existia cobrança para os conteúdos e as aprendizagens seguirem da melhor forma, ou seja, era função do professor encher os cadernos, promover diversos trabalhos para manter os alunos ocupados, e os conteúdos deveriam seguir sem grandes dificuldades. Entretanto, conforme veremos ao longo deste trabalho, as certezas deixaram de existir, e alguns pais começaram a observar outros pontos, que eram esquecidos, ou simplesmente não notados no ensino presencial. Ana Elisa Ribeiro (2020) descreve que os pais estavam tendo acesso, dentro de casa, a tudo que os filhos estavam fazendo e aprendendo, por isso, conseguiram observar a real força e importância do

professor nesse processo, pois estão sentindo na pele o que é intermediar e acompanhar os conteúdos, as dificuldades geradas e o desenvolvimento das atividades.

Mendonça (2021) aponta que o ensino remoto emergencial não foi oferecido por todas as escolas, justamente pela precariedade do sistema de ensino. Nesse sentido, o letramento digital e os multiletramentos não eram realidade para todos os estudantes, até porque cada escola agiu de maneira diferente e de acordo com o que era possível para o momento. Ao pensarmos no contexto geral, precisamos nos colocar como sujeitos críticos e observar que a falta de incentivo de alguns órgãos competentes também foi fator determinante para a tomada de ação das escolas. As desigualdades sociais e a falta de recursos influenciaram muitos estudantes e a consequência disso está no crescimento do número de evasão e nas dificuldades dos alunos em relação aos conteúdos. Santos (2020) adverte: “A pandemia confere à realidade uma liberdade caótica, e qualquer tentativa de a aprisionar analiticamente está condenada ao fracasso, dado que a realidade vai sempre adiante do que pensamos ou sentimos sobre ela.” (p. 13).

As lacunas tecnológicas afetaram muitas pessoas, dentre elas famílias, alunos e professores. Ribeiro (2020) argumenta que TDIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) são “difíceis de administrar”, pois mudam e evoluem rapidamente. Além disso, geram custos para manutenção, por isso são consideradas como partes da infraestrutura. “As TDICs poderiam se integrar às atividades da educação, redesenhando nossa experiência de educação escolar e tornando-a mais fluida, conciliando recursos que funcionam nesses dois “mundos” (RIBEIRO, 2021, p. 29). Embora muitos achem ousadia ou bobagem, as tecnologias vieram para ficar e causaram uma reorganização incômoda, complexa e trabalhosa no cenário.

Buckingham (2010) faz uma crítica sobre a romantização que a tecnologia representa, como sendo uma promessa de empoderamento e inovação. O autor recorre a Tyack e Cuban (1995) para justificar que uma reforma educacional vai muito além da tecnologia. Para ele,

[...] o problema não é que os professores sejam inflexíveis, mas que a grande maioria das reformas educacionais – inclusive as dirigidas pela tecnologia – são implementadas sem o envolvimento ativo dos próprios professores (...). Uma reforma educacional duradoura deve envolver os professores como agentes de liderança, não só como consumidores ou distribuidores de planos vindos de outro lugar (BUCKINGHAM, 2010, p. 41).

Além disso, a tecnologia não diz respeito ao meio social apenas, ela é mais complexa e bem mais abrangente quando se trata do contexto escolar, pois também se refere às possibilidades de atividades que podem ser realizadas e ao incentivo à pesquisa para resolvê-las, bem como ao trabalho colaborativo, que se expandiu consideravelmente durante o período remoto. Ribeiro (2020, p. 61) ressalta que “Participar e colaborar são ações esperadas de quem está conectado em rede, especialmente nas redes virtuais, e isso nos leva ao conceito de inteligência em rede”. A cultura digital midiática e o uso de ferramentas digitais passaram a integrar o aprendizado remoto, porém não de forma igualitária, conforme já citado anteriormente.

David Buckingham (2010) ressalta que,

A noção da geração digital também essencializa os jovens e pode nos levar a ignorar desigualdades e diferenças entre eles. A maioria dos entusiastas da tecnologia parece acreditar que o chamado divisor digital é um fenômeno temporário e que o pobre em tecnologia finalmente recupera o terreno perdido enquanto cai o preço do equipamento. Isso significa aceitar que os que adotaram antes tal tecnologia permaneceram no mesmo patamar e, em geral, que o mercado é um mecanismo neutro, que simplesmente dá aos indivíduos o que eles precisam. (BUCKINGHAM, 2010, p.43)

Em suma, com esta seção passamos a compreender um pouco melhor o ensino remoto emergencial e suas implicações, como o uso da tecnologia, por exemplo. Além disso, podemos perceber de que forma o ensino remoto está sendo reproduzido e como foi adaptado durante a pandemia. É possível, através, dessa contextualização, compreender e imaginar novas e amplas perspectivas de ensino que tenham um fim social e que incluam atividades situadas dentro do espaço digital, e muito além disso, que essa possibilidade possa se estender para todos, sendo uma ação necessária a ser revista pelos órgãos competentes. Também mostramos a importância dos professores nesta empreitada do ensino remoto emergencial, afinal, foram eles que se mobilizaram e construíram noções adaptadas que amplificaram o ato de ensinar, independentemente das situações e desafios que lhes foram apresentados.

Encaminhamo-nos, então, para a metodologia de pesquisa deste trabalho.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos os aspectos metodológicos empregados para a construção deste trabalho. Primeiramente, será explanada a natureza da pesquisa, que é do tipo qualitativa interpretativista. Com o objetivo de analisar como as famílias se envolveram no processo de aprendizagem dos alunos, e refletir sobre o letramento familiar desenvolvido durante o ensino remoto em tempos de pandemia, para isso ouviram-se duas famílias, que serão descritas posteriormente. Por fim, serão apresentados os critérios de análise dos dados.

3.1 TIPO DE PESQUISA E PROCESSO DE GERAÇÃO DE DADOS

De acordo com Creswell (2010, p.43), a pesquisa qualitativa é “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. Os principais procedimentos qualitativos focam em amostragem intencional, geração de dados abertos, análise de textos ou de imagens e interpretação pessoal dos achados. Nesse caso, a interpretação é realizada através de uma análise dedutiva e descritiva dos fatos observados, com base nos dados gerados.

A pesquisa qualitativa também é um meio para compreender, conhecer e explicar os significados que indivíduos e/ou grupos atribuem a determinadas situações. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador é um interpretador de uma realidade. Para realizar uma análise qualitativa, é de suma importância refletir sobre a maneira e o objetivo da geração de dados, que, no nosso caso, se dá por meio de entrevistas semiestruturadas, partindo de um roteiro que foi desenvolvido para organizar a conversa com as participantes. A entrevista centralizou-se na flexibilidade e na naturalidade da conversa, pois o que se almeja é analisar o “como”, para que seja possível a construção de interpretações dos dados que interessam ao pesquisador.

Além disso, os métodos de pesquisa da abordagem qualitativa, segundo Creswell (2007), são emergentes e abordam questões abertas. Os dados obtidos nas entrevistas, a observação de documentos e audiovisual, além da análise de texto e de imagem são característicos deste tipo de pesquisa. Busca-se, neste caso, pela técnica qualitativa, o significado de um fenômeno a partir do ponto de vista de quem participa.

Conforme destaca Creswell (2007, p. 37), “Um dos principais elementos da coleta de dados é observar o comportamento dos participantes em suas atividades”. Sendo assim, pode-se dizer que a investigação qualitativa se vale de diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados (CRESWELL, 2007). Os métodos utilizados na pesquisa qualitativa são, de acordo com o autor, interativos e humanísticos. O caráter da pesquisa qualitativa é interpretativo, ou seja, o pesquisador faz a interpretação dos dados gerados e constrói as conclusões pessoais. Interessa-nos observar nas entrevistas as representações das famílias que falam sobre o seu agir durante as aulas remotas.

Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002) destacam que,

[...] a principal característica das pesquisas qualitativas é o fato de que estas seguem a tradição “compreensiva” ou interpretativa. Isto significa que essas pesquisas partem do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado.

Com base nas informações citadas acima, através da pesquisa qualitativa interpretativa, adotamos, neste trabalho, como instrumento de geração de dados, entrevistas semiestruturadas, conforme citado acima, gravadas em áudio, em tempo real, envolvendo duas famílias via Whatsapp, pois em função da distância e do Covid 19 não foi possível fazê-las de forma presencial. Foram construídas de maneira natural, através de uma conversa, a partir de um roteiro, para facilitar e organizar as informações. Vale destacar que as entrevistadas foram anonimizadas, e os dados não serão usados fora de qualquer ambiente institucional, por questões éticas, e as participantes estavam cientes das suas contribuições, além disso, participaram espontaneamente.

Denominamos os participantes, na análise das entrevistas, de “família 1” e “família 2”. Na sequência, apresentaremos as participantes da pesquisa, isto é, as entrevistadas, bem como características sobre as famílias. O roteiro da entrevista pode ser encontrado no apêndice A.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para a presente pesquisa, foram entrevistadas duas mães que representam a família no ensino remoto em tempos de pandemia. As atrizes sociais partilham seus

sentimentos e valores, além de suas percepções e preocupações. Com o objetivo de inserir e facilitar a identificação, durante a leitura do presente trabalho, apresentamos o quadro abaixo com os principais pontos dos seus perfis.

Quadro 2 - Participantes da pesquisa

Participante	Escola	Local de coleta	Filho(a) Turma
Família 1	Estadual	São Leopoldo	Filho - 9º ano
Família 2	Estadual	Bento Gonçalves	Filha - 4º ano

Fonte: Elaborado pela autora.

A primeira família é composta por três pessoas e é representada pela mãe, neste caso. Atualmente não está trabalhando e dedica-se integralmente às tarefas domésticas, bem como ao acompanhamento do filho à escola. Gosta de estudar e de acompanhar o filho. O motivo pela sua escolha em participar da pesquisa deve-se a uma indicação, pois representa, aqui, uma família de classe média baixa, constituída por pessoas assalariadas “comuns”, isto é, a grande maioria dos brasileiros em tempos de pandemia.

A segunda família é composta por quatro pessoas e também representada pela mãe neste caso. Atualmente a mãe estuda e trabalha, mas consegue dedicar-se da melhor forma, e acompanhar a filha, bem como procura entender as suas dificuldades. O motivo pela sua escolha em participar da pesquisa deve-se ao fato de ela também representar uma família de classe média baixa, constituída por pessoas assalariadas “comuns”, que representam a grande massa de brasileiros neste momento de pandemia.

Consideramos, também, nesta pesquisa, o fato de ambas serem participativas na vida escolar dos seus filhos. Esse fato permite detalhar mais critérios e aprofundar os questionamentos. Desse modo, acreditamos que tenha sido importante ouvir e considerar os seus relatos e posicionamentos para realizar a análise, com base no referencial teórico e documentos, aqui apresentados.

3.3 METODOLOGIA DA ANÁLISE DE DADOS

Para a análise de dados desta pesquisa, buscamos fundamentação que orienta a estruturar e organizar o material gerado, neste caso, as entrevistas. Após a organização, a sistematização dos dados ocorreu através de um entrecruzamento com a situação do ensino remoto, em nossa realidade atual, e a participação da família nesse novo contexto.

Análise é o processo de ordenação dos dados, organizando-os em padrões, categorias e unidades básicas descritivas. Interpretação envolve a atribuição de significado à análise, explicando os padrões encontrados e procurando por relacionamentos entre as dimensões descritivas. (PATTON, 1980, p.381).

Torna-se importante, portanto, que o pesquisador retome os pressupostos do presente trabalho, e estabeleça suas categorias de análise, que no nosso caso foram quatro:

- a) participação e engajamento das famílias (como mediadoras);
- b) valorização e importância do professor;
- c) dificuldades do ensino remoto;
- d) expectativas da família com o retorno presencial.

Conforme Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002), as categorias surgem com base na primeira leitura dos dados gerados.

Abaixo retomamos a pergunta e os objetivos da pesquisa:

3.4 PERGUNTA DA PESQUISA

De que forma as famílias acompanharam a aprendizagem dos alunos no ambiente doméstico remoto?

3.5 OBJETIVOS

3.5.1 Objetivo geral

Observar como foi o envolvimento e a organização da família durante o ensino remoto.

3.5.2 Objetivos específicos

- a) discutir o conceito de letramento no geral, e de letramento familiar;
- b) observar como acontece a organização familiar no ensino remoto e como será a tendência do ensino presencial;
- c) analisar como ocorre o acompanhamento da família com relação à aprendizagem dos alunos e como se desenvolve o engajamento da família na participação das aulas e das demandas assíncronas;
- d) relacionar as percepções resultantes do questionário com os materiais teóricos, a fim de compreender de que forma a família influencia no processo de aprendizagem em tempos de pandemia;
- e) observar o contexto remoto emergencial, com foco na participação da família, no uso das tecnologias e nas dificuldades que encontraram;
- f) analisar as mudanças de perspectivas centralizadas no papel e na valorização do professor;

Importante ressaltar que a pesquisa passou por alterações e adaptações, em virtude das demandas que surgem durante a análise. Além disso, a pesquisa apresenta uma grande importância para fins de avaliação e análise sobre o cenário atual da educação, em tempos remotos. Feitas essas ponderações, no próximo capítulo apresentaremos a análise e discussão dos dados gerados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo analisar como as famílias se envolveram no processo de aprendizagem dos filhos e como participaram dela. Além disso, buscamos refletir sobre o letramento familiar e como ele se deu durante o ensino remoto, no período pandêmico. Nesse sentido, como descrevemos na metodologia, realizamos entrevistas, com duas famílias diferentes, e posteriormente analisamos as respostas obtidas. Verificamos, nesta pesquisa, quatro categorias que irão orientar o nosso estudo: participação e engajamento das famílias (como mediadoras); a resignificação e a valorização do trabalho do professor em tempos de pandemia; as dificuldades do ensino remoto; e as expectativas com o retorno presencial, por parte da família.

Ao longo das entrevistas, observamos o que, nesse caso, as mães pensam a respeito do ensino remoto e o que acharam da experiência como um todo. Nas primeiras perguntas, observa-se uma certa estranheza em relação ao ensino remoto, porém, com o desenrolar da conversa, as mães vão resignificando o que pensam e mostrando que precisaram contornar a situação, mesmo com as dificuldades que se impuseram

Conforme citado na Metodologia, estão sendo representadas nesta pesquisa as mães que compartilharam como foi a experiência do ensino remoto dos seus filhos, de acordo com as suas percepções. A Família 1 é representada por uma mãe, que atualmente mora em São Leopoldo, com seu filho e com o seu marido. O filho tem 15 anos, está no 9º ano e está estudando em uma escola pública estadual de ensino fundamental, localizada no centro de São Leopoldo. A Família 2 é representada por uma mãe, que atualmente mora em Bento Gonçalves, com um casal de filhos e com o seu marido. A filha tem 9 anos, está no 4º ano do ensino fundamental e estuda em escola pública estadual de ensino médio, localizada no bairro Conceição.

4.1 PARTICIPAÇÃO E ENGAJAMENTO DAS FAMÍLIAS (COMO MEDIADORAS)

Iniciamos a entrevista, de forma natural e espontânea, e logo as mães comentaram sobre a maneira com a qual costumavam acompanhar a vida escolar dos seus antes e durante o Ensino Remoto:

- a) Família 1: “Sempre **acompanhei** o meu filho e procurei ajudar quando necessário, porém desde que a pandemia começou precisei estar mais presente, e por isso, também, saí do meu trabalho. Antigamente não lia histórias e nem focava tanto nos conteúdos que estavam sendo aprendidos, apenas observava que tudo ia bem e perguntava se ele tinha dificuldades, além disso, olhava os cadernos para verificar se ele estava cumprindo com o seu papel de aluno. Entretanto, desde o início do ensino remoto precisei ler mais, precisei acompanhar e dialogar mais com ele sobre isso. Eu sempre gostei de estudar, então para mim foi um prazer, mas estava com medo das dificuldades que teríamos que enfrentar.”
- b) Família 2: “Sempre **ajudei** e sempre li muito para minha filha, além de acompanhar o que ela estava aprendendo. Porém, confesso que o ensino remoto nos pegou de surpresa, pois mesmo sabendo que sempre acompanhei minha filha, parecia que nada substituiria a presença dela na escola.”

As falas das mães logo no começo da entrevista demonstram o quanto o ensino remoto pegou todas as pessoas de surpresa, inclusive as que já eram presentes na vida escolar dos filhos. Para Ribeiro (2020), a pandemia mudou os hábitos da noite para o dia e mexeu com todas as certezas que existiam até então.

As entrevistadas sempre acompanharam os filhos, mas de forma tão intensa, pois sabiam que sempre a professora fazia as intervenções necessárias na aprendizagem. Além disso, não tinham conhecimento de todos os conteúdos, mas tinham um pouco de afinidade com a tecnologia, e isso possibilitou um pouco a entrada no mundo remoto, porém foi um processo que demandou tempo, pois as escolas estavam se adaptando e os alunos também, além disso, ambos os alunos estudavam em escolas estaduais, portanto públicas, que, por consequência, sofreram ainda mais com os impactos do ensino remoto.

As mães entrevistadas, como falamos na metodologia, representam a pequena parcela de pais ou responsáveis que conseguiram acompanhar a aprendizagem dos filhos, e que estavam comprometidas com a realização das atividades enviadas pelas escolas, mesmo com outras atribuições exigidas, sejam domésticas ou de trabalho. Coscarelli (2020) argumenta em relação aos pais que precisaram estar envolvidos

com várias funções, além do trabalho e das atividades domésticas, destinaram um tempo para acompanhar a aprendizagem dos filhos.

Ao mesmo tempo, as mães precisaram intervir de modo que os estudantes tivessem acesso aos materiais de estudo, ou que, pelo menos, conseguissem acompanhar os conteúdos de alguma forma, portanto, faziam o acompanhamento sobre conteúdos, organização, realização das tarefas, recursos entre outras demandas que surgiam. Ao falarem sobre os recursos as mães disseram que:

- a) Família 1: *“Temos em casa **o que precisa**: um notebook, acesso à internet e eu dei o meu celular para ele e comprei outro para mim.”*
- b) Família 2: *“Temos os **recursos** em casa, mas contamos com a dinda também, para fazer a impressão dos materiais.”*

Ao mesmo tempo em que as famílias mostram possuir os recursos necessários, observamos que o desenvolvimento escolar dos alunos se deve, também, à uma rede de envolvidos, sendo assim, não depende unicamente dos recursos presentes em casa, pois também, dependiam, como é o caso família 2, da madrinha que imprimia os materiais na loja, e, no caso da família 1, do pai que imprimia os materiais no trabalho. Observamos, contudo, que nesses casos, os esforços vieram de vários envolvidos: escola, família e comunidade escolar, que de certa forma, passaram a formar uma corrente, evidenciando novamente que o aprender é social, ou seja, não se constrói sozinho

Ribeiro (2020) considera que a extrema mudança das instituições escolares causou uma readaptação na rotina dos estudantes, a fim de não prejudicar o cronograma escolar no período de isolamento social. Com essa urgência, muitos alunos sentiram-se desamparados, porém nossas entrevistadas mostraram-se presentes e fizeram a diferença, mesmo sentindo receio do que poderia vir pela frente:

- a) Família 1: *“O meu filho tem o **suporte da família**, embora eu participe mais. Procuo dar assistência a ele, além disso, tenho sobrinhos que já passaram por estes conteúdos e recorreremos a eles, quando não sabemos dos conteúdos. O meu marido imprime o que precisa no trabalho também. E mesmo que ele goste de fazer sozinho, e que eu goste que ele faça sozinho, sabemos que com o ensino remoto ficou mais difícil fazer tudo sem contar*

com a ajuda de outras pessoas. E mesmo sem saber de muita coisa e com medo de atrapalhar, procurei estar sempre ao lado do meu filho.”

- b) Família 2: *“A minha filha **tem a nossa ajuda**, mas principalmente a minha. Nos organizamos da seguinte forma: a mãe acompanha os conteúdos e os temas, a madrinha imprime as atividades e o pai busca. Ainda assim, envolvemos as professoras e seguidamente estamos ligando para elas para tirar dúvidas, até mesmo para as “profes” conhecidas, porque eu penso que o importante é tentar fazer e buscar ajuda para fazer. A minha filha gosta de fazer as atividades sozinha, mas sabe que precisa de nós quase sempre, e nós não temos certeza sobre o que a professora quer, às vezes orientamos até sem ter certeza, mas tentamos ajudar sempre.”*

Vale ressaltar, é claro, que, neste trabalho, observamos casos de união e força de vontade dos envolvidos, entretanto, conforme visto anteriormente, na fundamentação teórica, esta não foi uma realidade de todos. Mendonça (2021) retrata também as desigualdades sociais e como elas aumentaram no ensino remoto, além disso, acrescenta que tudo foi rápido demais, da noite para o dia, novas formas de estudar foram estabelecidas, e os pais precisaram reconfigurar os seus papéis como mediadores do aprendizado, juntamente ao lado da escola, porém nem todos realmente estavam dispostos a assumir esta parceria.

Ainda em relação à participação e ao engajamento da família, precisamos destacar, também, que o agir dos pais variou de acordo com nível educacional no qual estarão inseridos, ou seja, uma família de renda baixa, com pais que apenas concluíram o ensino médio (ou nem o concluíram), tende a ter mais dificuldade de acompanhar a escola, sendo que geralmente “sobra” para a mãe cumprir com essa função. O fato é que os pais que leem para os filhos e que se envolvem mais nas atividades possuem um relacionamento melhor com os seus filhos, mas essa não é a realidade da maioria das famílias. Conforme citado acima, essa realidade não é a mesma para todos os estudantes. Ao observarmos as nossas entrevistadas, notamos que as mães foram peças-chave nesse acompanhamento, e que, se dependesse dos pais, talvez seria ainda mais difícil, pois em nossa sociedade o papel da mãe é o de ajudar e ensinar os filhos, enquanto os pais tomam conta do gerenciamento das despesas e do controle da casa. Ao perguntarmos para as entrevistadas sobre os seus relacionamentos com os seus filhos obtivemos as seguintes respostas:

- a) Família 1: **“Sempre conversei com o meu filho e fui presente, nunca fui de ler histórias, mas adorava ver o seu caderno. Nossos diálogos são tranquilos e ele normalmente me escuta e me entende.”**
- b) Família 2: **“Leio para a minha filha desde quando ela era criança e acho que *somos bem próximas*, apesar de termos o mesmo gênio. Ela é preocupada e ansiosa, e eu acho que isso prejudicou nós duas durante o ambiente remoto.”**

As mães possuem a semelhança de não sofrerem tanto impacto com o comportamento dos filhos, mesmo ambos possuírem idades diferentes, notamos que os dois conseguem se comprometer com as tarefas e conseguem fazê-las nos momentos adequados, ou seja, não em cima da hora ou cada dia num horário diferente. Porém, a filha da família 2 possui dificuldade de concentração e a mãe se preocupa com o uso excessivo de telas, já o filho da família 1 acomodou-se em casa. Sendo assim, vemos que as famílias sentiram algum ou vários problemas que precisaram ser administrados, e todos os estudantes precisaram de estímulos para seguirem com a sua vida escolar. Logo, novamente, entendemos que o aprender é social e nenhum aluno tornou-se independente, ao contrário, precisaram ainda mais de acompanhamento e atenção.

Além disso, a pandemia nos trouxe novas formas de organização e de gerenciamento, e não foi diferente no ambiente escolar. Ao serem perguntadas sobre como estavam se organizando com o ambiente remoto as mães compartilharam falas bem semelhantes:

- a) Família 1: **“O meu filho se *organiza* na mesa da sala para fazer os temas e as tarefas da aula. Nunca se organizou sozinho e sempre precisou de assessoramento, além disso, ele tem horários pra tudo, sempre teve, até antes da pandemia. Ele não é de estudar muito, mais em momentos específicos, porém quando ele tira para estudar ele estuda mesmo, mas eu sempre preciso orientar o tempo, para que ele faça.”**
- b) Família 2: **“A minha filha fazia algumas atividades sozinha, e algumas ela pedia a minha ajuda. Juntas sempre pesquisamos o que era necessário, e ela mesma se *organizava* na mesa da cozinha. A minha filha sempre gostou de estudar bastante e se preocupa com o seu aprendizado, mas mesmo**

assim, eu procuro monitorar e às vezes preciso sobrar mais organização da parte dela.”

Ao observarmos as falas das mães, notamos, mais uma vez, a importância da família estar presente na vida escolar dos alunos, tanto na questão da organização, quanto no acompanhamento, afinal, a participação familiar na vida escolar dos filhos ainda é um privilégio para poucos. O caso da organização sempre foi importante e, em tempos de pandemia, tornou-se ainda mais, pois, segundo a fala da mãe da família 2, *“se o ambiente e o caderno não estiverem organizados dificilmente haverá avanço”*. Essa fala testemunha que a mãe esteve presente e acompanhou essa organização, isso certamente fez diferença durante o ensino remoto.

Outra questão que destacamos nas entrevistas, diz respeito à importância que as mães atribuem à sua participação no ambiente remoto:

- a) Família 1: *“Eu sei que **ajudar** o meu filho é a minha obrigação, mas desde quando a pandemia começou e o ensino remoto entrou em nossas casas, senti que a minha presença e a minha ajuda são importantes para ele. Mais ainda do que eu pensava. Entendo que devo continuar sempre presente e ele sabe que sempre vou ajudar.”*
- b) Família 2: *“A minha filha **pôde contar comigo desde o início**. Eu evitei demonstrar medo, mas confesso que senti em vários momentos. Ter estado ao lado dela nesse momento foi importante pra mim. Mesmo trabalhando e tendo menos tempo sinto que fiz o que pude por ela.”*

Sendo assim, como resultado das entrevistas, vemos que as famílias entrevistadas ressignificaram o seu agir. Notamos também que as famílias, abordadas neste trabalho, reconheceram que a aprendizagem é contínua, e as mães tiveram que aprender também. Precisaram se abrir ao novo, buscar maneiras para superar as dificuldades e encarar a nova realidade que o ensino remoto estava trazendo. Observamos que as mães compreenderam que devem continuar participando do processo de aprendizado dos seus filhos, ao contrário de antes, que já participavam, porém não tão ativamente como deveriam.

4.2 VALORIZAÇÃO E IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR

Observamos outro ponto de extrema importância neste momento pandêmico, e que passou a ser mais reconhecido por muitas famílias, que refere-se à valorização dos profissionais da educação. Mesmo sabendo que nem todas as famílias tiveram essa percepção, durante a entrevista, as mães falaram em vários momentos sobre a importância dos professores como agentes no aprendizado dos filhos. Assumir uma responsabilidade perante os conteúdos que estavam sendo transmitidos durante a pandemia exigiu dos pais muita força e uma nova postura, sendo assim, ocorreu uma reconfiguração nos seus papéis.

- a) Família 1: *“No início eu não falava com os **professores**, pois não deram tanta assistência, talvez por também não estarem preparados para esse momento. Porém, com o passar do tempo eles conseguiram dar mais atenção aos alunos em todos os momentos do dia. Porém, procurávamos chamar eles apenas nos momentos de aula, pois eles também possuem vida né? Da mesma forma que eu tenho e meu filho também, eles deveriam ser respeitados nesse sentido. Além disso, passei a **valorizar** o papel deles ainda mais, principalmente porque vi que ensinar e acompanhar o aprendizado não é nada fácil.”*
- b) Família 2: *“Com toda certeza aprendi ainda mais a **importância do professor**. Precisei conversar com elas diversas vezes e pedi calma e paciência no envio dos materiais, principalmente no início. Tenho certeza que os professores deram o máximo, mas pecaram no início com algumas explicações. Acho, porém, que eles deveriam ter mandado mais vídeos, mas talvez não mandaram porque sabiam que nem todos teriam acesso, não sei, mas se pudesse eu iria sugerir. Mas independente disso, acredito que os professores foram importantes demais, como sempre, e ainda mais como num momento delicado desses.”*

Ribeiro (2020) retrata que os professores tornaram-se ainda mais valorizados desde que o ensino emergencial remoto entrou nas casas das pessoas. Principalmente pelo fato de os pais estarem acompanhando o processo de

aprendizagem diariamente e monitorando a execução e o cumprimento das tarefas, mesmo não tendo o domínio dos conteúdos, como os professores têm.

Nas falas das entrevistadas, percebemos e ressaltamos o quanto a atuação do professor é de suma importância para a vida escolar dos alunos, por esse motivo entendemos que o ensino remoto reconfigurou a vida escolar e deu destaque a várias questões que já eram importantes, e que durante a pandemia se tornaram ainda mais. Sendo assim, as mães mostraram-se conhecedoras dos esforços dos docentes, e do quanto estes precisaram readaptar as suas práticas para que fossem acessíveis a todos. A mãe da família 2 até comentou que sempre valorizou os professores, mas confessou que aprendeu a admirar ainda mais o trabalho deles.

Verificamos, no caso das nossas entrevistadas, que ambas mostraram-se preocupadas, mas muito persistentes, com percepções de superação ao avaliarem toda a experiência. As mães, e a família, juntamente com os alunos e com os professores, foram capazes de resolver os problemas, e aprender com o processo, porém não conseguiriam sem a ajuda dos professores neste processo. Além disso, as mães sempre guiaram os filhos para fazerem perguntas e questionar os professores, de preferência dentro do período de aula. Sendo assim, entendemos que pedir ajuda, ou buscar formas de solucionar problemas que apareciam diariamente, foram formas que as mães encontraram para resolver os conflitos e auxiliar os seus filhos, e até mesmo para incentivá-los a buscar por respostas. Claro que tudo isso foi um processo. As famílias precisaram acolher e sentirem-se acolhidas, de alguma forma, para pedirem ajuda.

As mães relataram ainda que os filhos não acharam que progrediram, principalmente no ano de 2020, porém, ambas reconhecem os esforços dos envolvidos, inclusive dos próprios filhos e dos professores, conforme já citado anteriormente.

- a) Família 2: *“Fiquei **extremamente feliz com as professoras**. Elas nos encorajaram a não desistir, e desde o início nos ajudaram. Isso foi fundamental para nós e para os alunos. Sempre que precisei pude contar com respostas rápidas das professoras. Também acho que elas estavam sofrendo, da mesma forma que nós. Tanto é que pedi para enviarem menos atividades, ou que fossem com mais calma, pois ainda tive que administrar a ansiedade da minha filha.”*

Notamos, com essa fala, que as mães procuraram respeitar e entender os professores, fato que não foi respeitado por todas as famílias, infelizmente. Entendemos que as famílias entrevistadas compreenderam que a atuação do professor é essencial no processo de aprendizagem e merece ser valorizada.

4.3 DIFICULDADES DO ENSINO REMOTO

Ao refletirmos sobre as dificuldades e preocupações relatadas pelas mães entrevistadas, observamos que as que já existiam foram ainda mais destacadas, em função desta mudança repentina, que foi o Ensino Remoto.

- a) Família 1: “*O meu filho teve bastante **dificuldade** no primeiro ano, não conseguia entrar no Classroom e nem acompanhava os conteúdos como deveria. Foi bem difícil e frustrante.*”
- b) Família 2: “*Sentimos mais **dificuldade** de adaptação no início, e a minha filha não conseguia focar, pois estava muito preocupada, precisei levar ela ao médico, pois não conseguia entender os conteúdos. Precisei falar algumas vezes com as professoras.*”

As falas das mães evidenciam, primeiramente, o choque que foi o início do ensino remoto, o que demonstra insegurança e medo, pois não sabiam o que estava por vir, além de nunca terem passado por uma situação parecida. Inclusive, torna-se necessário citar que a mãe da Família 1 parou de trabalhar e conseguiu acompanhar mais do que a mãe da Família 2, que trabalha e faz curso de graduação.

Ao acompanhar os relatos das mães entrevistadas, compreendemos a preocupação de ambas com a aprendizagem dos filhos, e esta também foi uma grande dificuldade imposta pelo ensino remoto.

- a) Família 1: “*Eu estava muito **preocupada** no início, mas pelo menos consegui acompanhar mais de perto as aulas e as atividades. Baixei o MEET no celular para acompanhar os recados e as dificuldades, além disso, participo dos grupos de pais, no whatsapp, porém, também tenho várias questões para coordenar.*”
- b) Família 2: “*Fiquei bem **preocupada** com a situação, pois trabalho fora, por isso, depois da adaptação adotei o pensamento de não deixar acumular*

nada. Assim que chegava do trabalho já começávamos a fazer os temas e rever os conteúdos.”

Ainda sobre a última fala, precisamos considerar dois importantes aspectos- sobre como essa excessiva insegurança e preocupação atrapalhou os pais e os alunos; e sobre a preferência dos alunos de ficarem sozinhos, mesmo sabendo que dependem de outras pessoas para realizar muitas tarefas e para acompanhar alguns conteúdos. A partir das respostas obtidas nesta pergunta, precisamos refletir sobre até que ponto os alunos realmente estavam realmente engajados em fazer as atividades sozinhos, e em como o ambiente remoto afetou a aprendizagem, pois mesmo, conforme no caso desta pesquisa, tendo o apoio dos pais, em vários momentos os alunos apresentaram dificuldades, se dispersaram e até mesmo chegaram a desanimar por diversos momentos, além de sentirem medo e insegurança.

- a) Família 1: *“Eu acho que no ano passado (2020) o meu filho **não rendeu muito**. E perdeu muitos conteúdos, além de desanimar, perder o interesse e o entusiasmo. Em vários momentos eu não sabia como ajudá-lo.”*
- b) Família 2: *“A minha filha achou que o ano passado (2020) **foi um ano perdido**, mesmo entregando todas as atividades. Porém, eu considero o empenho dela, mesmo que ela tenha perdido o interesse em alguns momentos, porque sentia medo, e teve várias crises de ansiedade. Por conta disso, tivemos que levar ela numa psicóloga.”*

As falas acima testemunham a perspectiva de Ribeiro (2020), que estabelece sobre os professores e os alunos estavam ansiosos, pois, além das incertezas do momento, tudo aconteceu rápido demais. Os alunos estavam saturados e sem saber como agir e como se organizar. Já as escolas não sabiam de que forma podiam prosseguir com o ensino. E os professores, então, precisaram criar meios para não prejudicar o cronograma escolar. Assinalamos, portanto, uma preocupação pertinente, quanto à validade do ano de 2020 para a educação. Muitos questionam-se quanto à sua importância e se realmente podem considerar o que foi feito e os conteúdos aprendidos. Inclusive as duas mães entrevistadas concordam que o ano de 2020 foi o mais delicado e mais difícil para adaptação e sentem que os filhos foram

fortemente prejudicados, e novamente citaram, de maneira detalhada, sobre como as dificuldades foram impactantes para elas e para os seus filhos:

- a) Família 1: *“É, como falei antes. Sentimos **mais dificuldade** no primeiro ano, pois não conseguimos acesso ao Classroom, e nem conseguíamos acompanhar muito bem no início. Logo quando o ensino remoto começou já procuramos a escola para pelo menos ter acesso ao material impresso. Nas sextas-feiras entregávamos o que estava pronto e buscávamos as novas atividades e conteúdos. Cada vez que pegávamos tudo aquilo levávamos um susto pela quantidade de coisas para fazer e ler, mas depois fomos acostumando. Além disso, meu filho ficou um tempo sem aula, devido à troca de escola. Depois das férias de julho ele conseguiu retomar, mas ainda assim, repito que 2020 foi horrível para nós.”*
- b) Família 2: *“No início sentimos **muita dificuldade** na adaptação, como te falei antes eu sofria muito vendo o desespero da minha filha. Isso tudo prejudicou muito ela em relação ao entendimento das disciplinas e até que ela realmente pegasse o “jeito” do ensino remoto. Além disso, ela ficou sem aula e demorou até que fosse desenvolvida a plataforma de ensino e para o acesso dos alunos. Foram mais ou menos 2 meses sem aula, porém depois do retorno, em modalidade remota tivemos que repor até nos finais de semana o tempo perdido.”*

Neste caso, torna-se importante observar que o acompanhamento da família e a preocupação com o aprendizado e a adaptação dos filhos fez a diferença para superar ou minimizar o susto e os impactos que foram causados no início do ensino remoto emergencial. Independentemente do medo e das dificuldades, as famílias entrevistadas mostraram-se resilientes diante das adversidades apresentadas. Ao mesmo tempo, estes estudantes puderam contar com uma rede de envolvidos. Porém, é notório observar que o ano de 2020 promoveu muitas mudanças e prejudicou muitos alunos, mesmo aqueles que tiveram acompanhamento familiar.

- a) Família 1: *“Eu acredito que o **meu filho se prejudicou** em matérias que ele já não gostava e tinha dificuldades.”*

- b) Família 2: “A **minha filha se prejudicou** nos conteúdos, pois estar na sala de aula trabalhando com os colegas e ouvindo a professora é algo que faz a diferença no aprendizado. Essa lacuna apareceu e não vai sumir tão cedo.”

Sendo assim, observamos que, mesmo com o acompanhamento da família, outros empecilhos também prejudicaram os alunos, como, por exemplo, o acesso às ferramentas digitais e à internet, a ausência de recursos necessários, a frustração, o atraso das escolas começarem a enviar materiais e definirem como seria o ensino remoto, o medo, o cansaço, o receio, como também a falta de socialização, a insegurança, o ambiente ruim para a concentração e para o desenvolvimento das atividades também foram extremamente prejudiciais para estes alunos. Além disso, o ambiente virtual favorece a dispersão da atenção, ou seja, o usuário que está acessando a rede costuma navegar, interagir em outros sites, e isso o distancia da demanda gerada naquele momento, que é fundamental e extremamente relevante para a construção da aprendizagem, fato este, que, para os pais que trabalhavam fora ou que não podiam acompanhar, preocupou bastante.

Nas entrevistas, as mães falaram também sobre essa questão relacionada à dispersão que aparecia durante o ambiente remoto, conforme abaixo:

- a) Família 1: “Meu filho até conseguia focar na aula e nas atividades, mas tinha afazeres domésticos, e **precisou se organizar** melhor para cumprí-los e para não se distrair demais.”
- b) Família 2: “Minha filha sempre foi muito ansiosa, e isso atrapalhava ela durante a realização das atividades. Ela tem afazeres domésticos, além das disciplinas da escola, mas sempre procuro monitorar, acompanhar e definir horários para que ela **consiga se organizar** e consiga cumprir com as suas tarefas.”

Neste caso, observamos um ponto em comum e uma diferença, ambos alunos possuem mais tarefas além das escolares, para isso precisaram se organizar, e, nessa organização, existe a interferência administrada de formas diferentes entre as duas mães, em que a mãe da família 1 orientou para que o aluno se organizasse melhor, enquanto a mãe da família dois monitorou, acompanhou e destinou horários para que as tarefas fossem cumpridas. Nesse sentido, a diferença de idade entre os alunos denota as formas de interferência da família na aprendizagem. Ou seja, os alunos

mais novos, além de precisarem de mais assistência, também precisaram de um monitoramento maior para organização das tarefas. Quanto aos mais velhos, o assessoramento também foi feito, no caso das mães entrevistadas, porém, ele foi baseado na orientação do que precisava ser melhorado e não na definição esmiuçada das tarefas.

Ainda sobre essa questão, observamos nas falas das mães um ponto em comum, que é a preocupação sobre os seus filhos não terem tido acesso a nenhuma aula gravada, outra dificuldade do ensino remoto. Essa situação mostra o quanto as escolas estavam despreparadas e como isso pode prejudicar a aprendizagem desses alunos no decorrer do tempo, afinal, ficaram várias lacunas desse tempo de ajuste, que compreendia as instalações de aparelhos nas escolas e o desenvolvimento de ferramentas para a execução das aulas, além da disponibilização dos materiais. Porém, a organização e os esforços das escolas públicas não garantiam que todos tivessem o acesso às ferramentas e às aulas, sendo assim, as dificuldades dispararam ainda mais e a desigualdade deixou de ser mascarada e acentuou-se. Conforme Ribeiro (2020), vemos, portanto, uma grande desigualdade econômica,

Tal diversidade revela também uma grande desigualdade econômica, pois nem todos(as) os(as) envolvidos(as) no sistema educativo têm acesso à internet de qualidade e a instrumentos adequados. Em muitas famílias, apenas um computador (de mesa ou portátil) ou um celular precisam ser compartilhados por vários usuários ao mesmo tempo. Então, a escolha pelas ferramentas e pelo uso de determinadas plataformas e mídias digitais ou analógicas tornou-se central para os profissionais da educação. (RIBEIRO, 2020, p. 24).

Ao serem perguntadas sobre as aulas, as mães relataram que:

- a) Família 1: *“Meu filho não teve acesso à nenhuma **aula gravada** no ano de 2020, tivemos que pesquisar bastante e pedir ajuda aos familiares, primos, amigos, enfim, aqueles que já tinham estudado aquele conteúdo, para ao menos tentar acompanhar. Já que eu não tinha como contratar professor particular e também não sabia de todos os conteúdos.”*
- b) Família 2: *“Começamos a acessar uma plataforma apenas no ano de 2021, e a minha filha **tinha aula uma semana sim e outra não**, mas isso demorou até realmente funcionar. Ficamos um tempão sem aulas remotas, e precisamos aprender e fazer várias pesquisas juntas.”*

Nas falas das mães, observamos que ambas precisaram recorrer a outros meios para não ficar para trás, uma usava a ferramenta da pesquisa e a outra contava com a ajuda de outras pessoas para dar sequência aos conteúdos. Acreditamos que muitas famílias precisam buscar meios e formas que ajudassem os alunos a seguir com o ano letivo. E novamente observamos as dificuldades que muitas famílias passaram e como muitos pais não mediram esforços para ajudar.

As mães falaram também sobre outra preocupação, desenvolvida no ambiente remoto, em relação aos momentos de lazer que os seus filhos tinham com os amigos e como isso poderia afetar o rendimento.

- a) Família 1: “O **meu filho não vê os seus amigos e nem os primos**, ultimamente estamos ficando em casa. Me preocupo, pois ele está na fase da adolescência e acho que isso pode prejudicar o rendimento escolar dele.”
- b) Família 2: “A **minha filha só tem contato comigo, com o meu marido e com o irmão**, além dela ter que cuidar dele, ele precisa me ajudar em casa e estudar. Tenho medo que quando as aulas presenciais voltarem ela fique retraída e tenha medo de conversar com os colegas.”

Notamos que essas dificuldades e preocupações se justificam pelo fato de que não houve preparo para esse momento, ou seja, ninguém estava preparado e tudo mudou rapidamente para todos, e todas essas práticas chegaram do nada nas famílias. No caso desta pesquisa, temos famílias que possuem recursos e os pais são participativos, mas precisamos pensar também naqueles que foram ainda mais prejudicados. E atrelado a isso, precisamos pensar em como a tecnologia está se tornando necessária e, ao mesmo tempo, um empecilho para muitos que não conseguem acompanhar, por diversos motivos, sendo o principal, a falta de recursos tecnológicos, de acordo com o que já foi citado neste trabalho.

Pontuamos que as famílias entrevistadas compreenderam, também, que a tecnologia estará cada vez mais presente no contexto, e deverá ser um direito a todos, pois conforme Mendonça (2021) aborda

No entanto, a adoção de tecnologias deve permanecer como pauta, por meio de políticas públicas, quanto ao que se entende desses usos no âmbito educacional, ou seja, um olhar crítico para que, de fato, o uso das tecnologias seja viável e, sobretudo, democratizado. (MENDONÇA, 2021, p. 254).

Ainda sobre as tecnologias, as mães relataram que não participavam ativamente do mundo digital, principalmente a mãe da família 1. Além disso, tiveram grandes dificuldades de adaptação, e por mais que a mãe da família 2 tivesse mais domínio, suas dificuldades com a tecnologia também foram visíveis ao tentar entender um pouco sobre a plataforma adotada pela escola. As primeiras atividades foram impressas, mas, no decorrer do tempo, no ensino remoto, as famílias conseguiram superar aos poucos esses obstáculos. Perguntamos às mães sobre o **domínio** da tecnologia por elas e pelos filhos:

- a) Família 1: *“Eu utilizo o celular, mas apenas para as redes sociais. O meu filho também usava mais para redes sociais e para fazer poucas pesquisas. Como falei antes, no início não conseguimos entrar no Classroom, e no início usamos a **tecnologia** para fazer pesquisas apenas. Agora começamos a usar mais os recursos tecnológicos e neste ano, finalmente começamos a acessar e aprendemos juntos a manusear. Tivemos algumas dificuldades, mesmo com o meu filho tendo um domínio maior, mas sempre que possível pedíamos ajuda da professora.”*
- b) Família 2: *“Lá em casa sempre utilizamos a **tecnologia**, tanto eu, as crianças e o meu marido. Porém, eu sempre usei mais por conta da faculdade, pois faço a distância. Desde o início do ensino remoto tivemos que aprender coisas novas juntos, e a minha filha que só usava para joguinhos, aprendeu logo a manusear a ferramenta disponibilizada. As dificuldades que tivemos foi no início que ela se distraía muito usando a tela do notebook, e além disso, temos só um para três pessoas que usam, então tivemos que dividir.”*

Ainda dentro desse contexto tecnológico, as mães, ao serem questionadas sobre as aulas remotas, relataram que procuraram seguir os horários como se fossem das aulas regulares, isto é, como se fosse presencial.

- a) Família 1: *“Meu filho **não teve aulas remotas**, mas mesmo assim, eu acostumei ele a acordar sempre no mesmo horário e fazer no exato momento para não acumular. Sempre procurei entender a disponibilidade dos professores, por isso eu sempre achei melhor que ele fizesse as atividades e tirasse as dúvidas durante o horário da aula, como se estivesse*

na escola. Eu fazia o acompanhamento do calendário e das postagens pelo meu celular.”

- b) Família 2: *“Minha filha **tinha aulas remotas**, uma semana sim, e outra semana não. Eu acompanhava e preparava ela com antecedência. Quanto às atividades, sempre nos acostumamos a fazer no dia, para não acumular. Conforme entravam novos conteúdos, já fazíamos assim que eu chegava em casa, pois tenho outro filho, os afazeres da casa, trabalho fora e faço faculdade, então não podíamos acumular nada.”*

As respostas acima mostram que cada escola se organizou de maneiras diferentes quanto às aulas remotas, mas que todas tentaram fazer o possível para não interromper com o ano letivo. Outro ponto bem visível nessas respostas diz respeito à responsabilidade com as demandas que as mães tinham. Quando perguntadas se estavam cansadas e como estavam gerenciando tudo, elas relataram que se sentiam cansadas e preocupadas, mas que estavam fazendo o melhor que podiam. Notamos também uma diferença grande entre as mães, em que a primeira não está trabalhando, e além disso, possui apenas um filho e ele já tem mais idade, portanto não precisa de tanto assessoramento. Já a mãe da família 2, mostra a realidade de muitos pais no momento da pandemia, que estavam sobrecarregados, exaustos, cheios de demandas, com mais de um filho, gerenciando a família, o trabalho e que ainda estudavam. Conforme a Revista Abril², houve um aumento significativo nos sintomas de ansiedade e depressão desde o início da pandemia, no Brasil. E esse aumento pode ser ainda maior em tempos de isolamento social.

Outra questão bem importante do ensino remoto relaciona-se ao uso de materiais escolares para as aulas ou materiais necessários para que os alunos fizessem os trabalhos. As escolas públicas, na grande maioria, evitaram solicitar a compra de materiais, principalmente pensando na questão do isolamento social. Ao serem perguntadas sobre isso as mães relataram falas semelhantes também:

- a) Família 1: *“Não foi necessário comprar tantos **materiais durante o período remoto e nem buscar por aulas particulares**. Por vários momentos pensei que não teríamos escapatória e teríamos que contratar uma professora*

² <https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/resiliencia-tem-limites-a-saude-mental-na-pandemia-de-coronavirus/>

particular, mas com o passar do tempo meu filho conseguiu ir se adaptando ao ensino remoto, mas isso não garante que a gente não contrate alguém, caso ele tenha dificuldades no retorno ao presencial.”

- b) Família 2: “*Não foi necessário comprar **materiais escolares e nem buscar por professora particular**, mas talvez seja necessário no retorno, pois os professores comentaram que deixaram de fazer muitas atividades por conta da pandemia, e que pretendiam retomar com essas atividades na volta ao presencial.”*

Ao perguntarmos às mães como foi a experiência do ensino remoto, tivemos respostas interessantes.

- a) Família 1: “*A **experiência** foi bem desafiadora, mas aproximou bastante a nossa família, mesmo com o isolamento social, pois conseguimos entender melhor como é a rotina escolar do nosso filho. Mas claro que fiquei com medo de não conseguir acompanhar, e no ano passado me desesperei. 2020 foi um ano complicado pra nós e posso falar poucas coisas positivas, mas neste ano conseguimos fazer as atividades juntos. Penso que a experiência como um todo não foi tão boa, mas poderia ter sido ainda pior caso meu filho não tivesse aula e perdesse o ano, o que seria frustrante demais. Friso de novo o quanto os professores fizeram a diferença neste processo e como são importantes, além disso, sou 100% a favor das aulas presenciais sempre.”*
- b) Família 2: “*A **experiência** foi difícil, ainda mais quando envolve ansiedade e medo, que foi o nosso caso. Eu acredito que estamos nos preparando para o ensino remoto, como falei antes, mas os professores continuarão mediando esse processo. Para nós, pais, fica ainda mais evidente a importância da nossa presença e do nosso acompanhamento, além disso, acredito que agora com a volta ao presencial teremos outras questões para enfrentar, e isso mostra que precisamos ficar unidos da mesma forma que foi no início da pandemia.”*

Observamos, com as falas acima, uma diferença bem perceptível nas respostas, em que a primeira mãe apoia o presencial sempre, enquanto a segunda mãe pensa que estamos nos preparando para o ambiente remoto. Embora ambas concordem com a dificuldade que foi o ensino remoto, principalmente no início e como

foi importante as suas participações neste processo, mesmo sem deter de todo conhecimento, pois muitos pais não puderam e não participaram da forma ideal, as opiniões se dividem quando falamos sobre a presença na vida escolar dos seus filhos. No caso das entrevistadas, independente das diferenças nas respostas, ambas mostraram preocupação com esse momento remoto. E essa divisão em algumas respostas mostra as diferentes formas de pensar sobre as mesmas questões, o que é perfeitamente compreensível, pois são decisões e tendências importantes para o nosso futuro. O fato é que, conforme a mãe da família 2, estamos nos preparando para o ambiente remoto e para receber a tecnologia em nossas vidas, e de acordo com Ribeiro (2020, p.107) *“Estamos vivendo um tempo de repensar e de experimentar. Estamos tendo uma grande oportunidade de fazer diferente, de colocar em prática a educação com a qual sempre sonhamos”*.

Ainda na questão do monitoramento da família, observamos outro importante destaque sobre o momento pandêmico e o ensino emergencial, quando as mães relataram, durante as entrevistas, a respeito das suas preocupações quanto aos acessos às ferramentas sugeridas pelas escolas:

- a) Família 1: *“**Apenas no último trimestre conseguimos acessar o Class, porém, neste tempo de ensino remoto ficaram lacunas. Além disso, o meu filho não teve nenhuma aula gravada.**”*
- b) Família 2: *“**Acessamos a plataforma depois de um bom tempo apenas com os materiais impressos, e as aulas ocorriam em uma semana sim, a outra não. Só depois de alguns meses que deixamos de retirar os materiais na escola.**”*

Logo entendemos nestas falas a preocupação das responsáveis quanto às lacunas que ficaram no ambiente remoto. E, para resolver esses problemas, foram descobrindo novas formas de aprender, não se intimidavam em perguntar e buscar respostas, pois sempre buscavam pelo professor para obter ajuda. E tudo isso só foi possível porque as famílias entrevistadas neste trabalho foram participativas e engajadas no processo, caso contrário, os problemas que apareciam poderiam ser ainda mais intensificados no decorrer do ensino remoto, como foi o caso de muitas famílias. A partir do momento em que as famílias começaram a experienciar e a trabalhar com o ensino remoto, surgiram problemas e muitos desafios, que foram

sendo enfrentados no dia a dia. A mãe da Família 1 falou em um momento da entrevista que, quando encontrou o primeiro grande obstáculo, pensou que não conseguiram superar e que estava disposta a desistir e procurar outra pessoa para acompanhar o seu filho.

- a) Família 1: *“Pensei que não conseguiríamos, e sinceramente, sei que muitas lacunas ficaram durante o ensino remoto, mas sei que desistir seria a opção mais fácil diante de toda aquela dificuldade que estávamos tentando. Agradeço a Deus por não ter desistido. Acho que a pressão do momento da pandemia e a falta de conhecimento sobre o que poderia acontecer acabou assustando muitas famílias.”*

Nesta fala, vemos novamente a preocupação da mãe, fato que reforça o medo que apareceu no começo do ensino remoto. Vemos como mesmo com dificuldades os alunos, filhos das mães entrevistadas, realizaram as atividades, da maneira que conseguiram, e como o aprendizado foi importante para todos os envolvidos, e notamos, também, que as mães fizeram o que estava ao alcance, e engajaram-se da melhor forma. E mesmo sabendo que presencialmente os alunos estariam aprendendo mais, se conseguem observar, grandes aprendizados e reconstruções, principalmente quando as mães falaram que os filhos conseguiam fazer as atividades, e questionavam quando tinham dúvidas, ou seja, estavam sendo ativos no processo, mesmo precisando da ajuda dos pais e dependendo de estímulos, eles estavam esforçando-se para aprender e para se desenvolver dentro do ano letivo. Embora saibamos das falhas e das lacunas, consideramos, nestes casos, os esforços das mães em verem que os filhos não estavam perdendo o ano letivo.

Com base nas entrevistas, observamos que o ensino remoto tornou-se um grande desafio, mas, como todo desafio que encontramos na vida, temos duas escolhas, enfrentar ou desistir, e as mães dessas entrevistas decidiram enfrentar, e isso precisa ser reconhecido. Desde o início do ensino remoto, mostrou-se como uma experiência jamais vivida anteriormente. Os pais e professores estavam preocupados, e os alunos não sabiam como seria, aliás, ninguém sabia ao certo, o importante é que alguns, como é o caso dos alunos desta pesquisa, encontraram acolhimento em meio às dificuldades e experienciaram novas formas de aprender.

4.4 EXPECTATIVAS DA FAMÍLIA COM O RETORNO PRESENCIAL

Ao pensarmos na reconfiguração dos papéis de pais e professores, notamos também como isso tudo afetou os alunos em vários sentidos. Alguns desestimularam-se e outros sentiram-se desamparados, afinal nem todos os pais conseguiam ter tempo, estrutura e disposição para acompanhar os seus filhos. E com base nessas problemáticas, valorizaram ainda mais o ensino presencial.

- a) Família 1: *“Eu acredito que o **presencial seja bem melhor**, e falo isso várias vezes para o meu filho, pois ele dizia que não queria retornar. Tento mostrar a ele o quanto estamos sendo prejudicados e como é importante estar perto dos professores e colegas.”*
- b) Família 2: *“A minha filha **queria muito voltar ao presencial**. Eu, com certeza, apoio o retorno, mas com os devidos cuidados e que as atividades em grupo sejam graduais.”*

Observamos nas falas das mães uma diferença que ainda gera bastante discussão, que é a questão de muitos alunos não quererem voltar ao presencial, enquanto outros não veem a hora de estar em uma sala de aula. Isso se deve ao fato de muitos estudantes estarem acomodados com o ensino remoto, conforme citado na fundamentação teórica deste trabalho, grande parte alunos simplesmente está sem vontade para assistir aulas e fazer atividades, uma porque não conseguem se concentrar, outra porque sabiam que não iriam reprovar e, com isso, achavam que podiam entrar na sala de aula online e voltar a dormir, ou assistir séries, alguns faziam as atividades domésticas e cuidavam dos irmãos. Além disso, existia a parcela de alunos que não possuía acompanhamento nenhum, e muitos pais nem sabiam se os filhos estavam conseguindo acompanhar as aulas. Porém, isso não é um assunto tão atual assim, conforme Ribeiro (2020, p. 116) destaca, “não estamos preparados, mas isso vinha antes do vírus. A falsa divisão público/privado parece funcionar, mas é falsa, é aparência pura”.

Além disso, questões como a socialização aparecerão no retorno ao presencial, e muitos alunos mudarão os seus pensamentos e comportamentos. De acordo com Barros (2021),

Segundo pesquisa da Sociedade Brasileira de Pediatria, oito a cada dez crianças apresentaram sinais e sintomas de tristeza, apatia, irritabilidade e agressividade, de acordo com relato dos pais. Há uma grande preocupação de que esses sinais e sintomas, se não forem cuidados com a devida atenção, possam evoluir para quadros de depressão e transtornos mais graves, especialmente em alunos que já se encontravam emocionalmente fragilizados ou com problemas no comportamento antes da pandemia. Outro dado importante é o aumento da violência. O confinamento prolongado elevou os casos de maus tratos contra crianças e adolescentes, incluído violência física, psicológica e sexual. A maior parte dos abusos sexuais acontece no ambiente doméstico, pelos familiares ou cuidadores.

Muito se fala a respeito do retorno e das possíveis dificuldades e mudanças que surgirão. O fato é que o ensino emergencial remoto foi uma saída para o momento pandêmico, entretanto, a maioria dos pais e uma boa parcela de alunos deseja e espera ansiosamente pelo retorno ao presencial. As mães entrevistadas falaram, no decorrer da entrevista, várias vezes que sentiam falta do presencial e que achavam muito melhor, além disso, mostraram-se abertas ao retorno, desde que de forma gradual. Tanto que é que os alunos aos poucos estão retornando, porém, como elas apontaram em suas falas, ainda está confuso e não se sabe ao certo como esse retorno integral acontecerá de fato, mas entendem que esta adaptação deve ser feita aos poucos, principalmente por saberem que várias questões precisam ser organizadas, como, por exemplo, a higienização e o distanciamento.

- a) Família 1: *“O meu filho já **está indo no presencial** desde junho deste ano, a escola está se organizando bem para o retorno. Já enviaram calendários das turmas, porém não estão fazendo rodízios, criaram um grupo no whatsapp para compartilhar as notícias e nos atualizar sobre as atividades. Também cancelaram as aulas no Meet e deixaram apenas o Classroom disponível, para aqueles que não vão voltar ainda. Eu acho ruim o horário “picado” das 9h até às 12h, com aulas nas segundas e terças-feiras e o restante permanece com atividades remotas. Penso que a escola está se adaptando, mas estamos enfrentando outro desafio, o retorno pela metade. Para os pais e para os alunos é muito complicado ter um retorno assim, pois temos que nos organizar e a cada semana muda. Mesmo com um certo medo, não vejo a hora da escola conseguir se organizar com as questões de segurança, para que o retorno total aconteça logo.”*
- b) Família 2: *“A minha filha **retornou há pouco tempo ao presencial**, mas estava bem ansiosa. A escola estava tentando se organizar da melhor forma*

possível, e pediram a nossa colaboração quanto aos cuidados necessários para evitar a COVID 19. Até onde eu sei todos os alunos voltaram e isso me causa um certo medo, mas prefiro que ela vá presencialmente mesmo, pois sei que ela está com muitas dificuldades na aprendizagem. Agradeço a Deus por não terem feito rodízio, pois não teríamos como levá-la, porque eu e meu marido trabalhamos e não podemos sair para levar e buscar em qualquer horário.”

Nas falas das mães, observamos outras dificuldades relacionadas ao retorno do presencial. Ao passo que as escolas estão se organizando para esse retorno, ainda há muito para ser pensado e feito antes de acolher todos os alunos. Os pais estão tendo que enfrentar outras dificuldades, como é o caso citado acima, organizar horários, turnos pela metade, a ansiedade dos alunos, além das dificuldades que eles terão com essa adaptação e com os conteúdos que não foram desenvolvidos da maneira correta. As mães falaram também sobre o que pensam sobre o retorno presencial e de que forma estão se organizando.

- a) Família 1: *“Não culpo a escola e nem os professores, pois tenho certeza de que estão fazendo tudo da melhor forma. Mas penso que o retorno precisa acontecer, de início, aos poucos, e o quanto antes devem voltar integral, porque **está sendo difícil organizar os horários** e o meu filho reclama que fica com dúvidas e não dá tempo de corrigir os temas, pois logo a aula acaba. Eu estou tentando ajudar ele na organização e nos horários, mas confesso que já me perdi várias vezes, pois amanhã tem aula, porém no outro dia não, mas tem atividades no Classroom, então temos que olhar os temas do caderno e olhar o que tem no Class, acho que isso é demais para a idade deles e para nós que temos várias coisas para fazer, isso que não estou trabalhando fora, porque se tivesse seria ainda mais difícil.”*
- b) Família 2: *“A minha filha está muito feliz com o retorno, porém a **readaptação** está sendo mais delicada do que eu pensava, pois eu já imaginava que a ansiedade dela poderia prejudicar o seu retorno. Sempre fui a favor do retorno à modalidade presencial, porém agora, além das questões envolvendo a aprendizagem, estamos tendo que lidar com a*

ansiedade. Imagino que todos os pais terão que administrar algumas questões até que tudo se normalize.”

Vemos, portanto, situações diferentes entre as entrevistadas, em que uma relata sobre a readaptação da filha que voltou integralmente ao presencial e a outra está tendo que lidar com a organização dos horários e dias de aulas. Conforme citado anteriormente, existirão dificuldades com o retorno ao presencial também. Os professores e as famílias precisarão passar por readaptações novamente e sabemos que não será tão fácil para os envolvidos. Além disso, toda mudança exige dos envolvidos engajamento e preparo, e, nesse sentido, as entrevistadas mostraram, em diversos momentos, durante as entrevistas, que buscaram aprender e tinham recursos, mesmo que não tivessem tanta prática, procuraram se desenvolver para não prejudicar os filhos.

- a) Família 1: *“Ao pensar em tudo o que passou e em como nos preocupamos com esse período remoto, penso que **muita coisa mudou** e não só em mim. Como mãe vejo que tenho uma grande responsabilidade com o meu filho, mas agora, que ele está retornando ao presencial, observo ainda mais que preciso estar ao lado dele, e que ele não consegue fazer tudo sozinho como eu pensava, quando era no presencial, que apenas os cadernos chegavam preenchidos. Outra coisa também, vejo que os professores têm uma carga bem grande e isso é preocupante, porque se eu com um aluno fiquei atarefada, imagina eles com tantos. Acho que muitas coisas vão mudar com o passar do tempo. Quero continuar acompanhando meu filho sempre que possível.”*
- b) Família 2: *“Eu penso que tudo o que aconteceu veio para nos ensinar algo, além dos alunos. Passamos por momentos bem difíceis e delicados, achei que a minha filha ia reprovar. Eu sempre valorizei os professores, e a atuação da escola em sempre querer o melhor para os alunos, mas agora, com a pandemia vi que a tendência será remota, e que isso tudo o que aconteceu veio para nos preparar para **grandes mudanças** no futuro. Vou sempre acompanhar a minha filha, mas quero que ela seja cada vez mais independente e organizada.”*

Ao pensarmos nas falas das mães, notamos posicionamentos diferentes em relação às mudanças que estão por vir. Acreditamos que o retorno ao presencial virá com estes novos pensamentos, porém, precisamos entender que o apoio e a presença da família são importantes no presencial e no remoto, ou seja, deverão existir em todos os momentos. As mães mostraram que continuarão acompanhando e que sabem o quanto isso é importante para os alunos, além disso, a tecnologia fará parte da vida das pessoas cada vez mais e precisamos estar atentos a isso, tanto no remoto como no presencial.

A tecnologia pode ser a solução e também a vilã, sendo assim, antes de entrar de fato na vida das pessoas e como disse a mãe da família 2 “*a tendência será remota, e que isso tudo o que aconteceu veio para nos preparar para **grandes mudanças no futuro***”, é necessário e emergente o apoio do governo para implantar e democratizar estes acessos, pois sabemos que as famílias mais afetadas são as menos favorecidas, porque, mesmo que as escolas estivessem enviando material impresso, é necessário possuir acesso à internet, computador ou celulares que possam auxiliar nas pesquisas e na execução dos trabalhos. Precisamos pensar, também, em duas importantes questões, a participação familiar e o acesso às ferramentas, recursos e à internet para todos. Ao analisarmos e pensarmos na abrangência do ensino remoto, notamos que ainda há um longo caminho e muito a ser feito até que se concretize a aula remota para todos, com o devido acompanhamento. Conforme Kersch (2021), aponta

É certo que o que deixamos para trás em março de 2020, tanto na escola quanto na universidade, não existe mais. O que fizemos até aqui foi emergencial e não é, portanto, definitivo. Precisamos passar por uma transformação — dos currículos, na formação de professores — e garantir o acesso de todos a uma educação de qualidade, o que inclui abrir-se ao hibridismo e à digitalidade. Mas, acima de tudo, a escola precisa ser o lugar em que as diferenças são protegidas, onde desenvolvemos cidadania e o respeito à diversidade. A escola precisa ser o lugar onde todas as histórias importam e merecem ser contadas e ressignificadas (KERSCH, 2021, p. 23).

Porém, mesmo com tantos aprendizados, os pais ainda preferem o presencial, pois entendem que a interação em sala de aula, com colegas e professores, é de suma importância para os seus filhos, além de afirmarem que a aprendizagem presencial é muito mais significativa do que a remota/online.

Com base nas respostas e nas categorias estabelecidas neste trabalho, observamos que a trajetória do desenvolvimento das famílias entrevistadas pode ser sintetizada conforme figura abaixo:

Figura 1 - Síntese das respostas das entrevistas



Fonte: Elaborada pela autora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, sem dúvidas, agregou-me novos conhecimentos, contribuindo assim, para a minha formação. Realmente pouquíssimo conhecia a respeito do Letramento Familiar, e falar sobre esse tema foi um ótimo desafio. Além disso, pensar e falar sobre o ensino remoto e de que forma as famílias se envolveram me fez enxergar muitas possibilidades e muitas questões que devem ser estudadas e tratadas com o passar do tempo. O conhecimento que tinha sobre o Letramento Familiar se resumia à participação dos pais com os temas de casa, ou com o gerenciamento de informações repassadas pela escola. Porém, através desta pesquisa, tive a oportunidade de ir além, consegui refletir, repensar e compreender a importância da família na vida escolar dos filhos.

Partindo da sistematização e análise de dados constatei que, no momento pandêmico, nenhum aluno conseguiu fazer nada sozinho, pois, de acordo com o que já foi citado, o aprender é social, portanto, depende de várias questões e vários envolvidos, e neste caso, a família entra com esta importante função. Os resultados obtidos também apontam para a importância da participação das famílias e que estas precisam seguir engajadas na aprendizagem quando as aulas retomarem, além disso, as famílias precisam ressignificar algumas práticas e repensar as crenças que carregam sobre o ensino. Portanto, com as entrevistas realizadas, as famílias abordadas evidenciam a parcela que ajudou e participou do Ensino Remoto ao lado dos filhos, sentindo o impacto causado pelo ensino remoto e as lacunas na aprendizagem e no acesso às tecnologias.

A pandemia trouxe muitas mudanças e reconstruções, como foi o caso da nossa primeira entrevistada, que também ficou sem emprego e optou por acompanhar o seu filho. Ela e muitos brasileiros encontraram-se diante da nova reconfiguração de suas funções, assim como o que estamos passando na economia, na educação e em vários âmbitos sociais, nos quais estamos inseridos. De maneira geral e com base nas entrevistas, observei algumas semelhanças entre as mães, como, por exemplo, os mesmos sentimentos de medo e frustração no início, a relação saudável com os filhos, além do engajamento e preocupação com os resultados, bem como a valorização dos docentes. Quanto às diferenças, observei o fato de uma das mães não gostar tanto da tecnologia e da outra afirmar que a tecnologia é extremamente importante e deverá entrar cada vez mais em nossa vida, além disso, uma trabalhava

durante a pandemia, e a outra não, fato que justificou algumas diferenças nas respostas. Além disso, as idades dos alunos, e o agir de cada escola, interferiram na maneira em que cada mãe entrevistada se organizou.

Ao escutar a primeira participante, percebi o seu medo no início do Ensino Remoto, além disso, as dificuldades no acesso e as suas aflições demonstravam muita força de vontade e resiliência. Ao entrevistar a segunda participante, observei o mesmo, porém, ela possuía ainda mais carga de funções e uma filha com ansiedade, fato que desde o início me chamou bastante atenção.

Ao fazer a análise das entrevistas, observei que, mesmo com algumas diferenças nos perfis das famílias, existia um enorme esforço das mães, fato que mostrou que ambas participavam do ambiente remoto, ao lado dos filhos. Ouvir e analisar as respostas que tive nas entrevistas evidenciou em mim, ainda mais, a grande diferença que a responsabilidade e o acolhimento, podem representar no aprendizado dos alunos, afinal a aprendizagem não ocorre apenas na escola, portanto, ela se constrói interna e externamente ao ambiente escolar.

As escolas esvaziaram-se, e as salas de aula entraram na casa de cada aluno, exigindo dos pais e professores readaptação e mudanças, para seguir com o ano letivo. O momento não foi fácil para ninguém e, para vencer as dificuldades, as mães entrevistadas sempre deram “empurrõezinhos” e, aos poucos, todos foram se adaptando ao contexto remoto e, mesmo com as fases difíceis no início, não desistiram do desafio, ao contrário, foram se desenvolvendo constantemente.

Tive o prazer de entrevistar duas mães engajadas, porém a grande maioria das famílias não conseguiu amparar os filhos como gostaria e deveria. E quando penso na grande parcela de alunos que não conseguiu acompanhar e talvez demorará um bom tempo até recuperar as lacunas, em função das desigualdades sociais, observo, novamente, como a participação da família é importante, além disso, penso que nosso país esteja despreparado para o Ensino Remoto. Esses fatos acionam um alerta para providências dos órgãos competentes, e como agente da educação me coloco como uma das responsáveis neste processo, pois infelizmente, será difícil recuperar os conteúdos (e a formação) dos que não acompanharam, além dos muitos casos de evasão.

Por meio desta pesquisa, observei na prática o impacto gerado nas famílias por conta do Ensino Remoto, além disso, ao escutar as participantes, observei e

compreendi as maneiras como as famílias se organizaram durante o período do Ensino Emergencial Remoto, e como estão se organizando e valorizando ainda mais o ensino presencial e a atuação dos professores.

Ter escutado sobre as dificuldades das famílias entrevistadas, quanto à preocupação com o rendimento dos filhos, a frustração com o acesso aos conteúdos, o cansaço em função das diversas situações que precisaram ser gerenciadas pelas mães, quanto ao acompanhamento e aproximação com os filhos, e como sentiram a experiência e puderam superar as adversidades que surgiram desde o início da pandemia, foi extremamente impactante para mim, pois, além de refletir sobre as dificuldades na aprendizagem, pude perceber como eu, agente da educação, tenho uma grande responsabilidade neste processo. Além disso, ver nascendo e se construindo, em conjunto, os saberes, mostra como este momento remoto refletiu de diferentes formas nas famílias, que ainda preferem o presencial, por questões de socialização e aprendizagem.

Ao refletir sobre o presente estudo observei também outros resultados com as respostas das duas entrevistas realizadas. Pude perceber, por exemplo, que o letramento realmente ultrapassou o seu conceito de origem, e agora, em tempos de ensino remoto, aponta para mudanças nas práticas sociais, que se tornaram ainda mais complexas, pois a leitura e a escrita estão se transformando, e conseqüentemente estão mudando o ensino. Outra percepção que foi abordada na análise teórica diz respeito às tecnologias, e como estas podem assumir duas faces, podendo ser positiva ou negativa, dependendo do contexto ao qual estão inseridas. No caso das entrevistadas, o uso da tecnologia iniciou apenas neste ano (2021), pois no ano passado (2020), continuaram utilizando o tradicional, ou seja, as folhas impressas, e passaram por muitas dificuldades. Além disso, ambas tiveram que aprender a fazer pesquisas na internet, fato que testemunha uma certa preferência pelo tradicional e resistência às mudanças, isto é, mesmo com os esforços das mães em abrir a mente, elas e muitos pais ainda possuem algumas crenças tradicionais enraizadas do que significa aprender por meio do papel e da caneta, apenas. Com base nisso, notei que precisamos começar a refletir sobre quando, realmente, a tecnologia começará a fazer parte das salas de aula, como inovadora no ensino, e não como um problema em que nem todos conseguirão acompanhar por falta de recursos e dificuldades no acesso. É necessário, portanto, questionarmos e exigirmos

que os órgãos competentes interferiam e promovam a equidade no acesso à educação.

Outra percepção importante que tive na análise de dados foi a de que as mães destacaram, sobre a carga de responsabilidade que atribuíam à escola e como é um erro dos pais pensar dessa forma, pois grande parte da aprendizagem depende também da participação familiar. Não dependem apenas das cobranças por cadernos cheios, mas também da participação da família com a resolução das dúvidas das atividades, na prática da pesquisa, na construção de trabalhos que envolvam a família entre outras demandas, e no caso das famílias que entrevistei pude testemunhar a dedicação e o envolvimento nas aulas remotas, desde a organização do ambiente, realização das tarefas até o cumprimento dos prazos, e agora o acompanhamento com o retorno presencial.

Ressalto, neste caso, que a participação da família refere-se ao auxílio e não na resolução por completo das atividades. Outras percepções citadas pelas mães que foram também foram abordadas na fundamentação teórica e evidenciadas nas respostas, dizem respeito ao que as mães perceberam, de que não existiam paredes na casa mais, pois tudo estava misturado, trabalho, faculdade, escola, problemas familiares e outras demandas, que podem ter interferido na aprendizagem dos seus filhos. Entretanto, mesmo com esse possível problema que apareceu em muitas residências, notei que as mães da Família 1 e da Família 2, preocupavam-se bastante em proporcionar um ambiente tranquilo e em ajudar no que pudessem, bem como em acompanhar os filhos. As mães estavam aflitas com as desistências de alguns alunos da turma dos seus filhos, principalmente da Família 1, em função de algumas mães começarem a trabalhar, ou porque não tinham como acessar e acompanhar os conteúdos, e isso causou uma certa apreensão e um receio ainda maior sobre o que estava por vir, porém, viram que foram fortes e capazes, e mostraram que foi possível superar as dificuldades, mesmo sabendo que há muito o que recuperar.

Por fim, as respostas das entrevistas evidenciaram e testemunharam, mais uma vez, como a realidade remota pode ter deixado marcas irreversíveis em um país que ainda não está pronto para tal modalidade de ensino, e, mesmo que a experiência tenha unido mais algumas famílias, ainda a preferência é o presencial, além disso, é necessário refletir e tomar as necessárias ações sobre as lacunas que ficaram. Concluo com este trabalho que a participação da família é de suma importância para

a vida escolar dos alunos, e, por esse motivo, ela precisa estar com um olhar ainda mais cuidadoso tanto para os filhos, quanto para os professores, isto é, para a vida escolar como um todo.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. p. 109-187.
- BARROS, Danillo. Consequências do isolamento social para os estudantes brasileiros durante a pandemia. *In*: PEBMED. [S. l.], 2 jun. 2021. Disponível em: <https://pebmed.com.br/consequencias-do-isolamento-social-para-os-estudantes-brasileiros-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 03 set. 2021.
- BASTIANI, John. **Working with parents**: a whole-school approach. Nottingham University: Routledge, 1993.
- BRANDT, R. **On parents and schools**: a conversation with Joyce Epstein. *Educational Leadership*, n.47, 1989.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_07.05.2015/art_227_.as p. Acesso em: 10 out 2021.
- BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37- 58, set./dez. 2010. Disponível em: <https://docente.ifsc.edu.br/luciane.oliveira/MaterialDidatico/P%C3%B3s%20Tecnologias%20Educativas/Cultura%20Digital,%20educacao%20midiatica.....pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.
- CASPE, Margaret. Family Literacy: A Review of Programs and Critical Perspectives. **Family Involvement Network of Educators and Harvard Family Research Project**, Cambridge, p. 1-10, 2003. Disponível em: <https://archive.globalfrp.org/publications-resources/browse-our-publications/family-literacy-a-review-of-programs-and-critical-perspectives>. Acesso em: 23 out. 2021.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- EDUCAÇÃO e Coronavírus. *In*: SAE Digital. [S. l., 2021?]. Disponível em: <https://sae.digital/educacao-e-coronavirus/>. Acesso em: 17 ago. 2021.
- FAMÍLIA. *In*: SIGNIFICADOS. [S. l.], 28 jul. 2021. Disponível em: <https://www.significados.com.br/familia/>. Acesso em: 17 ago. 2021.
- GETFIELD, Jacqueline. Parenting and Schooling in a Pandemic. **Academia Letters**, n. 450, p. 1-5, Mar. 2021. Disponível em:

https://www.academia.edu/45653803/Parenting_and_Schooling_in_a_Pandemic. Acesso em: 24 out. 2021.

LONDRES, Grupo Nova. Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuro Sociais. **Revista Linguagem em Foco**, v. 13, n. 2, p. 101-145, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5578/4503>. Acesso em: 29 out 2021.

KLEIMAN, Angela B. Letramento na contemporaneidade. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 9 (2), p. 72-91, ago./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bak/v9n2/a06v9n2.pdf>. Acesso em: 30 set. 2021.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In*: KLEIMAN, Angela B. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-59.

KLEIMAN, Angela B. Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Linguagem e letramento em foco**. Brasília, 2005.

MENDONÇA, Márcia. Aula de língua(s) no ensino emergencial remoto: práticas e percepções iniciais de professores. *In*: MENDONÇA, Márcia; ANDREATA, Elaine; SCHLUDE, Victor (org.). **Docência pandêmica: práticas de professores de língua(s) no ensino emergencial remoto**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

NÓVOA, Antônio; ALVIM, Yara. Nothing is new, but everything had changed: a viewpoint on the future school. **Prospects**, [S. l.], n. 49, p. 35- 41, 3 jul. 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11125-020-09487-w>. Acesso em: 20 set 2021.

PATTON, Michael Q. **Qualitative evaluation methods**. Beverly Hills: Sage, 1980.

PEREIRA, João Thomaz. Educação e sociedade da informação. *In*: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SOUSA SANTOS, B Boaventura de. Para uma sociologia das ausências e das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, 237-280, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1285>. Acesso em: 30 out 2021.

Tecnologias digitais e escola [recurso eletrônico]: reflexões no projeto aula aberta durante a pandemia. Ana Elisa Ribeiro, Pollyanna de Mattos Moura Vecchio (Org.). 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/44414161/Tecnologias_digitais_e_escola. Acesso em: 04 ago. 2021.

APÊNDICE A – ENTREVISTA

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de um trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Letras Português, realizado na UNISINOS- Universidade do Rio do Sinos. Esteja ciente que os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos (TCC), sendo realçado que as respostas dos envolvidos representam apenas a sua opinião individual e não existem respostas certas ou erradas. Por isso lhe solicito que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões.

Obrigado pela sua colaboração!

1. Qual é o nome, idade que tem o (a) seu (a) filha (o)? Em que série está?
2. Em que escola estuda?
3. Quando começou a pandemia e ela/ele ficou sem aula, como foi a sua organização familiar?
4. Me conta como foi esse tempo sem aula. O(a) aluno(a) fazia as atividades e acompanhava as aulas remotas?
5. Quando começaram as aulas remotas? Você conseguia observar essas aulas?
6. Conseguiu ajudar o seu filho com o uso das ferramentas online? O seu filho possui conhecimento tecnológico e conseguiu manusear as ferramentas ou vocês tiveram dificuldades?
7. Me conta como a escola organizou a volta. E como a escola pedia a ajuda de vocês.
8. Você conversava com os professores? Como?
9. Seu/sua filha (o) participou das aulas remotas ou só pegava as atividades impressas na escola?
10. Ele/ela conseguia fazer as atividades sozinha? Quando ela não conseguia, você ajudava?
11. Qual foi a importância do professor neste processo?
12. Como vocês se organizaram para ele/ela não perder aula?
13. Vocês têm computador em casa? Seu/sua filha tem celular próprio? Como vocês administraram isso?
14. Onde ele/ela ficava durante a realização das aulas? Tem lugar para ficar e estudar?

15. Ele/ela fica sozinho? Se organizava sozinho (a)? O (a) aluno tem afazeres domésticos?
16. Conseguem ter acesso a todas ferramentas propostas? Possuem recursos necessários? E os materiais, precisou comprar alguma vez? Comente.
17. De que forma vocês interferiram e acompanham a rotina dos alunos?
18. Vc acha que ele/ela perdeu o ano? Que rendimento teve em 2020? Houve desinteresse do (a) aluno (a)? Se adaptou bem? Relatava como estava sendo? Você acha que a experiência foi boa ou ruim?